

o Prelo

**PATRIMÔNIO
FLUMINENSE**
**INEPAC lança guia
de bens tombados**

PÁG. 15



Fábrica do Conhecimento, em Paracambi



**Escola de
Dança Maria
Olenewa
oferece aulas
gratuitas**
PÁG. 23

**Museu dos
Bombeiros, um
registro cheio
de heroísmo**
PÁGS. 8 E 9



O PROJETO MAIS LEITURA CONQUISTOU O PRÊMIO PERSONALIDADE CIDADANIA 2014 PORQUE TEM INFLUENCIADO MUITA GENTE A LER. SERÁ QUE VOCÊ É UM DELES?

ELEITO
PERSONALIDADE
CIDADANIA
2014

A Imprensa Oficial e o Governo do Estado do Rio de Janeiro criaram o Projeto Mais Leitura para democratizar o acesso à cultura. Em pouquíssimo tempo:

- 2.000.000 de livros disponibilizados.
- 300.000 cidadãos beneficiados.
- 38 municípios e 22 comunidades pacificadas visitados.

Resultado de muito esforço e parceiros fantásticos. E agora, para coroar esse trabalho, o projeto foi eleito Personalidade Cidadania 2014 na categoria INSTITUIÇÕES. Uma grande vitória para comprovar que, assim como você, as pessoas têm se interessado pela leitura.



Acompanhe a programação pelo nosso facebook: www.facebook.com/ProjetoMaisLeitura

EDITORAS PARCEIRAS: Record, Rocco, Melhoramentos, Moderna/ Salamandra, Mauad, Saraiva, Garamond, Ediouro, Apicuri, Elsevier/ Campus, Objetiva, Descubra, Cuca Fresca, Jovem, Alis, Brasiliense, Consultor, Musa, Globo, Duna Dueto, Lamparina, Summus, 7Letras, Almadena, Revam, Graphica, Rovel/ Escala, Educacional/ Larousse, Distribuidora de Livros, Nova Luz, Quileditora, Contraponto, Companhia das Letras, WVA, Grupo Santillana, Gryphus, Outras Letras, BV books, Cia dos Livros, Harlequin, Danprewan, Sá editora, Autêntica, Abril, Stamppa, Aped, Acesso, Cobogó, Casa da Palavra, Nova Terra, Editorial Litteris, Nitpress.





Luiz Fernando de Souza
GOVERNADOR

Leonardo da Cunha e Silva Espindola Dias
SECRETÁRIO DE ESTADO CHEFE DA CASA CIVIL



Haroldo Zager Faria Tinoco
Diretor-Presidente

Valéria Maria Souto Meira Salgado
Diretora Administrativo-Financeira

Jorge Narciso Peres
Diretor Industrial

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Telefone: 2717-4141 PABX

www.imprensaoficial.rj.gov.br

o Prelo ANO XI nº 36

Revista de Cultura da Imprensa
Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Assessoria de Comunicação Social - ASCOP
Tels: (21) 2717-4682

Endereço eletrônico:
assessoriadecomunicacao@imprensaoficial.rj.gov.br

Editado pela Assessoria de
Comunicação Social da Imprensa Oficial

Assessora de Comunicação:
Luana Soares

Estagiários:
Laura Alonso
Nathalia Cordeiro
Pedro Chilingue
Rafael Ribeiro
Samantha Paixão
Thaís Brito

Programação Visual:
Angela Duque
Luís Fernando da Silva Reis

Revisão:
Assessoria de Comunicação Social
da Imprensa Oficial

Capa:
Foto: Divulgação/Isabela Kassow/
Diadorim Ideias

IMPRESSA NO PARQUE GRÁFICO DA
IMPRESSA OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

NESTA EDIÇÃO

MÚSICA PARA TODOS

4 Escola Municipal de Música Pixinguinha

REVOLUÇÃO DIGITAL

6 Piraí Digital: o projeto que mudou a história da cidade

MUSEU

8 150 anos do
Museu do Corpo
de Bombeiros



CIÊNCIA EM FOCO

11 Casa da Ciência, em Botafogo, apresenta de forma lúdica esse universo tão rico

TURISMO

12 Petrópolis se destaca como destino de religiosos



GUIA

15 Riqueza material
do estado apresentada
em um único guia

FOTOGRAFIA

20 Sociedade
Fluminense de Fotografia
completa 70 anos



DANÇA

23 Escola de Dança
Maria Olenewa oferece
aulas gratuitas



PRESERVAÇÃO

24 Biblioteca Nacional microfilma seu acervo para preservar a informação

MEIO AMBIENTE

28 Ecomuseu da Ilha Grande

CONSPIRAÇÃO

30 Gargarullo: a arte em prol do pensamento livre

COMUNIDADE

32 Praça do Conhecimento leva arte e tecnologia para moradores do Complexo do Alemão

LITERATURA

34 Projeto divulga a literatura de cordel na Baixada Fluminense

AS OPINIÕES EMITIDAS NAS MATÉRIAS SÃO DE RESPONSABILIDADE
EXCLUSIVA DOS AUTORES



Escola Municipal de Música Pixinguinha, em São Gonçalo, incentiva o estudo da primeira arte e inclusão sociocultural na cidade

Aulas gratuitas e ensino da música para crianças e pessoas com deficiência destacam o trabalho da instituição

SAMANTHA PAIXÃO

O poder da música é incontestável. Ela é capaz de transmitir emoções como alegria, tristeza, raiva, ansiedade e amor. Por outro lado, além de ser um mero difusor de sentimentos, ela pode abrir os horizontes e criar novas expectativas para quem deseja ser um propagador de suas notas, ritmos, melodias e arranjos. Dizem que a música é a língua universal dos seres humanos.

Pensando na importância da música, a Prefeitura de São Gonçalo criou em outubro de 2000 a Escola Municipal de Música Pixinguinha, com objetivo de incentivar a cultura na cidade. O espaço, desconhecido para muitos moradores da cidade, surpreende quem descobre que naquele local, no bairro Barro Vermelho, há uma escola de música com seis salas de aula e 13 professores.

O estabelecimento oferece aulas gratuitas de violino, violão, baixo, guitarra, bateria, teclado, canto individual, canto coral, todos os

instrumentos de sopro – como flauta doce, flauta transversal, saxofone, trompete –, teoria musical, musicalização infantil e para pessoas com deficiência. O instituto ensina música para crianças a partir de quatro anos, jovens e adultos, e apresenta três níveis: básico, intermediário e avançado, focados na música popular e clássico-erudita. Ao completar as modalidades, que dura aproximadamente três anos, o estudante recebe um certificado de conclusão do curso.

Os encontros são uma vez por semana, com duas horas de duração, sendo uma hora de partitura musical e a outra de prática, explica o diretor da instituição, Leonardo Belga. “O diferencial do músico é o conhecimento teórico, por isso a escola incentiva essa disciplina e aplica prova. Isso é uma forma de detectar os erros dos alunos e ajudá-los a melhorarem.”

Belga conta que, apesar das aulas serem gratuitas, os alunos são dedicados e aplicados ao ensino da música. “Temos alunos que já passaram pela instituição e foram aprovados nas forças militares, na escola técnica

Villa Lobos e em faculdades de música. Também há casos de crianças hiperativas que melhoraram a concentração e as notas no colégio, após iniciarem os estudos no espaço, pois a música ajuda em tudo na vida do ser humano”, afirma o diretor.

A dedicação dos aprendizes é revelada nos recitais da escola, que ocorrem no meio e no fim do ano, e nas apresentações que são convidados. Eles já tocaram na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Teatro Popular de Niterói e escolas municipais e estaduais de São Gonçalo. O ápice da instituição é o desfile de 22 de setembro para celebrar o aniversário da cidade, no qual todos os instrumentos e vozes são uma única canção: “Carinhoso”, do Pixinguinha, homenageando o município e o músico que deu nome à instituição.

O aposentado Jorge Irineu da Silva, de 82 anos, é o estudante mais velho do colégio e um apaixonado pela música e o violão. Ele conheceu a escola através de um amigo que queria um companheiro para as aulas, e por meio delas ele pode aprimorar o seu talento. “Desde menino, tenho interesse pelo violão, meu primeiro foi aos 27 anos. Aprendi sozinho com as revistas cifradas, mas ao entrar na escola conheci a teoria que me ajudou a entender e melhorar a minha prática”, conta Jorge.

O aluno veterano está na instituição há cinco anos e já pegou o certificado de conclusão, porém continua no curso porque gosta da escola. Jorge confessa que o seu tempo livre é dedicado ao violão e aos seus experimentos com os ritmos nordestinos. A música “Eu só quero um xodó”, de Dominginhos, é a sua favorita no alegre repertório do Nordeste brasileiro.

Fotos: Samantha Paixão



“Minha mulher não reclama mais da minha música, então não sou tão ruim assim”, brinca Jorge



Cantiga de roda e música clássica e popular fazem parte do repertório da musicalização infantil

A MÚSICA NA INFÂNCIA

“Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música não começaria com partituras, notas e pautas. Ouviríamos juntos as melodias mais gostosas e lhe contaria sobre os instrumentos que fazem a música. Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me pediria que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas”, diz o poema “Primeiro a magia da história, depois a magia do bê-á-bá” do escritor e educador Rubem Alves. E é neste espírito que acontece a musicalização infantil na Escola Pixinguinha.

As crianças têm uma sala somente para elas, onde aprendem de forma lúdica, através de rodas e brincadeiras, a parte teórica da música. A professora Raquel Hilário explica que elas aprendem, inicialmente, três notas: Si, Lá e Sol, associando-as com cores e imitações do som. Os pequenos músicos começam com a flauta doce que é um instrumento melódico muito fácil de aprender e acessível.

Raquel conta ainda que é necessário aplicar o estudo segundo a percepção de vida das crianças e incentivá-las, inclusive com os *hits* do momento como o funk “Prepara”, da cantora Anitta, que os próprios alunos sugerem nas aulas. A professora estimula essa curiosidade dos aprendizes, que dá muito resultado, pois muitos optam por continuar o estudo da música, após o término da musicalização infantil aos 11 anos.

A MÚSICA COMO FATOR DE INCLUSÃO

Outra particularidade da escola é a educação musical especial para pessoas com deficiência. A ideia surgiu em 2013, por iniciativa do instituto devido à procura do público. A prática engloba crianças e adultos autistas, surdos, cegos, com Síndrome de Down, déficit de atenção e dificuldade de memorização.

A professora Ana Alice Nunes esclarece que a música atua como forma de educação especial, na qual estimula a criatividade dos alunos. As aulas são individuais, já que são trabalhos específicos para cada indivíduo, exigindo a sua concentração e atenção. Além disso, os pais precisam entregar um laudo à professora, para orientar a ação da especialista com o estudante.

“O som – altura, intensidade e timbre – e os ritmos estão incluídos nas principais atividades das aulas, assim como ilustração musical (desenhar o que se fala na música), desenho e interpretação da música. Já os instrumentos trabalham na dificuldade de cada aluno, por exemplo, o teclado ajuda na memorização, o violão na coordenação motora e a flauta na respiração”, detalha a professora.

O ensino das notas musicais é por meio de desenhos que ajudam na memorização, elas se transformam em DOói, RELógio, Mlau, FAcA, SOL, LARanja e SIno. Para ajudar o aprendizado dos alunos cegos, as partituras são traduzidas para

o Braille. E com os surdos há um trabalho que envolve as vibrações dos instrumentos, principalmente da bateria. Segundo Ana Alice, a música ajuda na timidez e interação desses alunos. “Os depoimentos dos pais são emocionantes e significativos”, revela.

FICOU INTERESSADO? QUER APRENDER MÚSICA?

A Escola Municipal de Música Pixinguinha abre processo seletivo duas vezes ao ano, no meio e final, e para se inscrever é preciso ir ao local ou ligar para a instituição. Os interessados realizarão uma redação e um teste de percepção musical e rítmica, mas não há prova prática de instrumentos. Violão e canto são as modalidades mais procuradas na escola.

A escola fica na Rua Luiz Esteves, 86, Bairro Vermelho, São Gonçalo, e o telefone é (21) 2694-1767. Visite o site da instituição: www.escolapixinguinha.com.br □

Saiba mais sobre Pixinguinha

Alfredo da Rocha Viana Filho, Pixinguinha, nasceu no Rio de Janeiro em 23 de abril de 1897, e é considerado um dos maiores artistas da música popular brasileira. Ele era flautista, saxofonista, compositor e arranjador. Pixinguinha aprendeu música em casa, seu pai e seus irmãos eram músicos, e aos 11 anos já tocava cavaquinho.

Pixinguinha é autor de valsas, sambas, choros e polcas. Ele também compôs arranjos para intérpretes famosos como Carmem Miranda, Francisco Alves e Mário Reis. Um dos choros mais conhecidos do compositor é “Carinhoso” – ele fez a melodia quando tinha 18 anos – que depois recebeu a letra de João do Barro, tornando-se um grande sucesso na voz de Orlando Silva.

No dia 23 de abril, é comemorado o Dia Nacional do Choro em homenagem ao nascimento do músico.

Revolução digital: o projeto que mudou a história de Piraí

Projeto Piraí Digital age na democratização do acesso aos meios de informação e comunicação

PEDRO CHILINGUE

Em meio à crise econômica e o desemprego em massa vividos em Piraí no fim da década de 90, criou-se uma alternativa que revolucionaria a história recente da cidade do Sul Fluminense. O Projeto Piraí Digital surgiu visando a disseminação da cultura digital com ações de inclusão digital, aplicação de novas mídias e informatização da gestão, sendo implementado em todas as redes de escolas, telecentros e outras instituições públicas, como o sistema de saúde do município.

Em 1997, a situação de Piraí tornou necessário um imediato plano de desenvolvimento local. A proposta inicial baseava-se na construção de condomínios industriais para atrair empresas e empreendimentos, gerando novas oportunidades de emprego. Outra preocupação era melhorar a renda da população, visto que o alto índice de desemprego já causava grandes prejuízos ao comércio local. Inicialmente, a ideia sofreu muita desconfiança dos piraienses. No entanto, o projeto foi um sucesso e atraiu cerca de 20 empresas para se instalarem na região – o que rendeu a Piraí o Prêmio de Gestão Pública e Cidadania, concedido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), pela fundação Ford e pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Visando ampliar a dimensão do projeto, os governantes de Piraí buscaram parcerias com a iniciativa privada para criar uma rede e viabilizar o acesso à internet para todos – e, assim, surgiu a ideia do Piraí Digital. Tudo começou através de três principais vertentes: a arquitetura de rede, o desenho de gestão e o desenho do controle social.

A arquitetura de rede foi trabalhada no sentido de garantir



Fotos: Márcio Monteiro

As crianças matriculadas em escolas municipais de Piraí recebem tablets através do projeto Escola.com

o acesso universal, integrando-se às redes de infraestrutura já existentes, como o de energia elétrica. Dessa forma, o programa inovou, deixando de lado os processos atuais e convencionais, criando um sistema híbrido com suporte wireless (SHSW) e viabilizando a internet a baixo custo e cobertura em todo o município.

Partindo desta estrutura, foi criado um desenho de gestão dividindo as . O .GOV, que age

na digitalização da administração pública; o .EDU, que atua no uso da tecnologia aplicada no desenvolvimento pessoal e atividades pedagógicas; o .ORG, que atua integrando a população aos novos caminhos tecnológicos; e o .COM, que visa atrair e integrar as empresas buscando alavancar recursos para garantir extensão e manutenção da rede. Enquanto isso, o controle social, realizado a partir da criação de um conselho da cidade, acompanhava o impacto



Sempre bem equipados, os estudantes usufruem da tecnologia para qualificar os estudos

territorial das transformações e adaptações da cidade.

Em 2004, o Piraí Digital viabilizou a primeira fase do projeto, disponibilizando gratuitamente uma rede de internet para prédios públicos, escolas, postos de saúde e telecentros. Já em 2007, o Conselho Diretor da Anatel garantiu ao poder público o direito de operar diretamente os serviços de telecomunicação. Sob a condição de não cobrar taxas pelos serviços prestados, o Piraí Digital conseguiu liberar os serviços a toda a população.

Hoje desenvolvido em sua excelência, o Programa Piraí Digital já integra toda a cidade com cobertura de rede através do SHSW, contemplando edifícios, bibliotecas, Casa da Criança, APAE, creches, telecentros e quiosques, o que representa mais de 400 computadores à disposição de toda a comunidade piraiense, de forma gratuita. Além disso, a população também pode usufruir do projeto Emprega Piraí, que disponibiliza mais de 70 cursos online através dos telecentros.

A rede integrada também já equipa todas as 25 instituições de ensino com laboratórios com acesso à internet. Todos os 39 prédios públicos também estão conectados, assim como todo o sistema de saúde. Outra vantagem é a implantação de um contato direto e interativo com a prefeitura, com base na tecnologia de conexão em telefones públicos (VoIP).

Dessa forma, Piraí Digital promoveu a democratização do acesso aos meios de informação e comunicação, gerando oportunidades de desenvolvimento econômico e social, ampliando os horizontes da cidade no sentido de utilizar e gerenciar voz e dados através das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, as NTIC, que permitem acesso à internet em banda larga. Nessa visão estratégica, o cidadão piraiense se torna o principal ativo de produção, gestão e usufruto dos benefícios tecnológicos.

Para o Secretário Municipal de Ciência e Tecnologia de Piraí, Osni Augusto Souza, a principal influência do programa para a população é o uso igualitário da tecnologia. "Piraí fez da inclusão digital uma política para todos, criando condições para que a



Todas as escolas da cidade possuem livre acesso à internet e profissionais capacitados

população possa se beneficiar das novas tecnologias em termos de formação profissional, acesso à informação, entretenimento e cidadania", afirma.

Orgulhoso, Osni conta que o Piraí Digital revolucionou a cidade. "É muito gratificante. Tenho o projeto como um filho que vi nascer e crescer. Eu, que comecei como estagiário logo no início da implantação do projeto, hoje tenho a honra de ser Secretário de Ciência e Tecnologia da cidade. Na época eu era estudante, morava em uma cidade pequena sem muitas perspectivas e com o projeto nossa vida mudou", comemora, para concluir: "É uma oportunidade ímpar poder proporcionar para os municípios uma melhor qualidade de vida, prestando um serviço público de qualidade. Hoje existe um maior acesso à informação, capacitação de servidores, alunos e a população como um todo".

Para o futuro próximo, o Programa Piraí Digital já se prepara para implantar um novo sistema. "Hoje podemos dizer que o céu é o limite. Temos uma rede que cobre todo o município que, apesar de ter apenas 27 mil habitantes, possui extensão territorial grande e tem uma capacidade imensa de integrar novas tecnologias. Estamos viabilizando recursos para implantarmos um sistema de câmeras de segurança e cerco eletrônico na cidade", revela Osni. □

Excelência traduzida em prêmios

Comprovando a competência e a relevância do programa, o Piraí Digital possui um currículo de prêmios recebidos por seu trabalho.

2001: Prêmio Gestão Pública e Cidadania - Fundação Ford e FGV-SP

2004: Prêmio Cidades Digitais Latino-americanas, categoria Cidades de Pequeno Porte - Instituto para a Conectividade nas Américas e Associação Hispano-americana de Centros de Investigação e Empresas de Telecomunicações

2004: Piraí foi mais uma vez reconhecida com o Prêmio de Gestão Pública e Cidadania, o mesmo conquistado em 2001

2005: Prêmio W2I Wireless Communities Best Practices 2005

2005: Prêmio CONIP

2005: Prêmio Top Seven Intelligent Communities of 2005

2008: Uma das quatro cidades escolhidas, Piraí assinou convênio com Governo do Estado do Rio de Janeiro para ampliação da oferta de computadores (Projeto "Um Computador por Aluno")

Museu do Corpo de Bombeiros preserva mais de 150 anos de história de uma das instituições mais respeitadas do estado do Rio de Janeiro

O rico acervo mostra o panorama completo da atividade da corporação desde o século XIX até a atualidade



Existem homens que enfrentam o calor das chamas, os mares revoltos, os abismos, os rochedos alterosos e os perigos da incerteza para salvar vidas alheias.

Existem homens que arriscam as próprias vidas em defesa de riquezas que não lhes pertencem.

Existem homens que veem diariamente sua imagem refletida nos olhos dos que em desespero chamam por ajuda.

Existem homens que não poupam sacrifícios no cumprimento do dever.

Estes homens poderiam ser chamados de heróis.

Mas, prefiro chamá-los de BOMBEIROS

(Autor desconhecido)



Fotos: Thaís Brito

Com tração animal, carro-ambulância de 1899 tinha formato de carroça fechada

THAÍS BRITO

Os versos acima sintetizam o que todos sabem: a honradez, a coragem e a importância destes profissionais, que tanto auxiliam a sociedade. Mas poucos são aqueles que conhecem a história destes bravos profissionais que se colocam em situação de risco para salvar vidas. Com a missão de preservar e divulgar a memória da corporação, o Museu do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ) se

destaca ao tentar reverter este quadro. Instalado dentro do belo e imponente prédio de arquitetura clássica do Quartel do Comando-Geral, na Praça da República, o espaço cultural reúne um rico acervo que narra em detalhes a trajetória desde a criação em 1856, pelo Imperador D. Pedro II (Patrono da Corporação), até hoje.

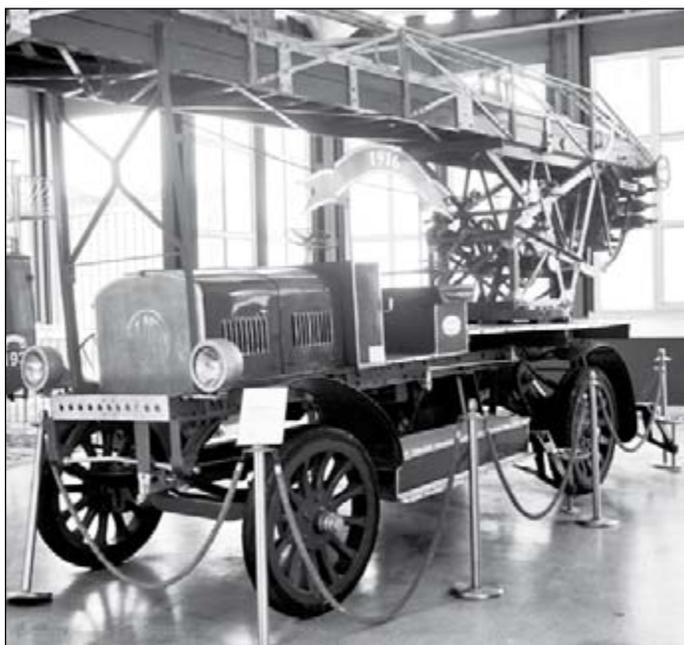
Há cinco anos à frente da direção do local, Coronel Caldas não esconde a alegria de comandar a equipe que mantém o local responsável por resgatar importantes episódios do CB-

MERJ. “Para mim, é uma satisfação dirigir este museu, instrumento tão fundamental para se refletir sobre a história, o contexto atual e o futuro da instituição”, orgulha-se.

Num lugar rodeado de história, o passeio começa antes mesmo de entrar no palacete de ferro que abriga o museu. Para chegar até lá, primeiro é preciso conhecer o “Beco do Kaol”, local que desde a década de 1910 se fazia a limpeza e o polimento dos metais das viaturas e demais instrumentos feitos com o polidor



CBMERJ



Veículo com autoescada mecânica e motor a explosão utilizado no combate ao fogo no início do século XX



Viatura usada em desfile em carro aberto pela seleção brasileira de futebol, após retorno como campeã da Copa do Mundo de 1970

“Kaol”, por isso o nome. Durante o percurso, que pode ser vencido com poucos passos, já é possível vislumbrar a entrada do espaço cultural que ocupa a centenária estrutura de vidro e ferro de uma antiga oficina, erguida na década de 1910. No formato de palacete, a área foi restaurada dentro do projeto de revitalização do museu, passando a abrigá-lo desde a sua reinauguração no dia 2 de julho de 2006. A novidade integrou os festejos dos

150 anos da fundação do Corpo de Bombeiros.

Ao cruzar seus portões, o público é convidado a descobrir o percurso histórico, artístico e tecnológico da corporação. No primeiro pavimento, destacam-se a exposição de viaturas históricas - desde a tração animal até chegar aos veículos motorizados atuais -, e o grande módulo expositivo que reúne coberturas e capacetes utilizados por bombeiros do Brasil e de diferentes países. “O acervo é

bem diversificado, mas o que atrai mais a curiosidade do público é o conjunto de viaturas”, destaca o Coronel Caldas.

Ao se dirigir para o segundo pavimento, a visão que se tem é de um amplo registro contado através de seus heróis e as ferramentas usadas em seu trabalho em prol da vida. Mostrando um pouco sobre cada época, a área superior divide-se em quatro núcleos temáticos. São eles:

- Corpo de Bombeiros da Corte Imperial (1856-1889)
- Corpo de Bombeiros do Distrito Federal (1889-1960)
- Corpo de Bombeiros do Estado da Guanabara (1960-1975) e do Estado do Rio de Janeiro (1975-atualidade)
- Banda Sinfônica do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro (1896-atualidade)

UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DO MUSEU

O Museu dos Bombeiros começou a ser pensado em 1976, quando, pela primeira vez, o Brasil foi representado oficialmente com uma delegação no Congresso Técnico Internacional do Fogo, na cidade de Berlim, na Alemanha. Da troca de experiências ocorridas na Europa, nasceu o desejo de construir o primeiro deste tipo no país.



Andar superior do museu surpreende pela riqueza de detalhes





Módulo expositivo abriga coleção de capacetes usados por bombeiros do Brasil e do mundo

Por ordem do então Comandante-Geral, Coronel EB Evaristo Antônio Brandão Siqueira, o empreendimento ganhou corpo quando foi dada a largada para o início do processo de seleção do acervo. Com diversos veículos e objetos antigos coletados em diversos quartéis do estado do Rio de Janeiro, o sonho virou realidade em 2 de julho de 1977.

Mas nem sempre ele foi instalado no Quartel do Comando-Geral. Até 1995, o espaço tinha como endereço o quartel do Méier, na Zona Norte do Rio. A necessidade de reformas no prédio em que estava instalado foi o motivo da transferência para a região central. No entanto, o museu permanecia sem história definida, em estado letárgico de quase abandono, com as peças espalhadas pelo Quartel Central.

A situação ganhou novos contornos com a intervenção do Comandante-Geral do CBMERJ da época, Coronel BM Rubens Jorge Ferreira Cardoso, que ordenou o início das reformas no novo prédio, inaugurando-o em 1º de setembro de 1995, como entidade independente e diretamente ligada ao Comando-Geral. No início do ano 2000, o espaço já somava 600 peças catalogadas, além de se relacionar com uma rede de cerca de 300 casas

culturais, museus do Brasil e alguns países, entre outras instituições do gênero.

Atualmente, ele integra - ao lado do Arquivo Geral e da Banda Sinfônica - o Centro Histórico e Cultural do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro (CHC). Os três juntos formam um amplo acervo de objetos e documentos não somente a



Primeiro hidrante da cidade do Rio de Janeiro é um dos destaques do acervo do museu

respeito da instituição como sobre o cenário sociopolítico nacional desde o Império até hoje.

PÚBLICO

Aprovado pelos frequentadores, o espaço recebe, em média, 300 visitantes por dia. “A nossa visitação é muita diversificada e conta com representantes de vários setores da sociedade”. Mas o sucesso não para por aí. O site do museu também é campeão de audiência. “Entre as páginas hospedadas dentro do portal do CBMERJ, a dele é uma das mais acessadas, registrando individualmente a marca de 70 mil visitas”, revela o diretor □

SERVIÇO

O Museu Histórico do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro fica na Praça da República nº 45 e funciona de terça à sexta-feira (inclusive nos feriados) entre 9h e 18h. Há duas modalidades de visita: individual e guiada (para grupos de até 50 pessoas é necessário agendamento prévio). Mais informações podem ser obtidas no site em www.museu.cbmerj.rj.gov.br ou pelo telefone



Um novo mundo sendo descoberto

Ciência em Foco

Casa da Ciência, em Botafogo, apresenta de forma interativa e lúdica o papel e a importância da Ciência na sociedade

NATHÁLIA CORDEIRO

Imagine um espaço onde jovens e crianças tenham contato com a ciência de forma fácil e lúdica. A Casa da Ciência (Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ) é o local ideal para isso. Inaugurado em 1995, o espaço vem se estabelecendo como um centro de popularização da ciência, que explora diversas áreas do conhecimento através de linguagens variadas, como teatro, exposições, música, oficinas, cursos, palestras, entre outros.

As exposições ganham destaque. De caráter interativo, desenvolvem debates e conversas com o visitante. Mas, entre as demais atividades, o projeto “Ciência em Foco” tem sido o carro-chefe. No primeiro sábado de cada mês, é apresentado um filme relacionado a temas científicos. Ao mergulhar no mundo do cinema, o público aprende a identificar a abordagem científica apresentada. A sessão conta com a presença de um colaborador que discute os temas relacionados.

Segundo Adriana Vicente, coordenadora do local desde 1995, a Casa da Ciência tem uma importância fundamental principalmente na formação de jovens que desejam seguir profissionalmente a área científica. “Aqui eles podem enxergar com um olhar diferenciado este mundo enorme que é a Ciência. E para o público, nossas atividades levam ideias inovadoras e mostram como a ciência está presente em nosso dia a dia”, explica Adriana, que começou a trabalhar como estagiária no espaço. Ela destaca que as exposições não ficam restritas ao seu espaço físico, algumas viajam pelo estado, vão para outras universidades, ou até mesmo alguma feira sobre ciência.

O despertar pela área já começa cedo. Estudante de Ciências Biológicas da UFRJ, a estagiária do espaço, Amanda Fernandes, relembra uma situação curiosa que aconteceu durante a exposição “Nós do mundo”. “Pedimos que as crianças fizessem um desenho sobre algo que lhe chamou a atenção. Um menino desenhou algo semelhante a um cogumelo, mas, acertadamente, disse

que era um fungo. Me surpreendi porque, mesmo tão novo, ele demonstrou conhecimento relevante sobre o tema”, recorda Amanda.

O espaço possui cerca de três mil metros quadrados de área, distribuídos entre salão de exposição, auditório com capacidade para 86 lugares e áreas de lazer. Recentemente foi inaugurada uma nova ala: o “Clube dos descobridores”. Nela, crianças das comunidades recebem atividades educativas e recreação, além de inclusão digital e divulgação científica.

Mensalmente, cerca de oito mil pessoas visitam a Casa da Ciência. Destes, 60% são de alunos da rede pública de ensino. Vale ressaltar que o espaço pensou também nos portadores de necessidades especiais. Colaboradores repassam todos os conteúdos para cegos, surdos e mudos, promovendo assim uma igualdade e diversificação da linguagem apresentada □

SERVIÇO

A Casa da Ciência fica na Rua Lauro Müller 3, Botafogo, Rio de Janeiro. Horário de atendimento: de segunda a sexta, das 9h às 17h. Mais informações pelo telefone 2542-7494.



Principal atração turística religiosa de Petrópolis, a Catedral de São Pedro de Alcântara

Foto: Divulgação FCTP

Turismo religioso cresce na Região Serrana

Petrópolis possui mais de cem capelas e igrejas, que estão ligadas à história do local

Laura Alonso

Aparecida do Norte, em São Paulo; Juazeiro do Norte, no Ceará; Nova Trento, em Santa Catarina; Jerusalém, em Pernambuco. Estes são alguns dos destinos mais visitados por turistas que não querem apenas descansar ou se divertir, mas que têm a fé como principal objetivo nas suas viagens. Famosa pelo monumento do Cristo Redentor, a cidade do Rio de Janeiro obteve o ápice do seu turismo em julho de 2013, quando cerca de dois milhões de turistas religiosos vieram à cidade para participar da Jornada Mundial da Juventude (JMJ). Mas o que a

maioria dos cariocas e visitantes não sabe, é a beleza arquitetônica que se esconde na Região Serrana, a 67 quilômetros da capital.

Vizinha do Rio, Petrópolis, cidade escolhida por D. Pedro I como local de veraneio, já é conhecida por pontos turísticos famosos, como o Museu Imperial e o Palácio de Cristal, mas também busca reconhecimento no turismo religioso da região. A fé e a religiosidade estão ligadas à história da cidade desde os primeiros colonos germânicos, que chegaram em 1837.

“É um importante segmento turístico em crescimento que está sendo estimulado pela Prefeitura de Petrópolis através da Fundação de Cultura

e Turismo (FCTP), para aquecer a demanda e o movimento de turistas e visitantes. Com isso valoriza e apoia também a religiosidade do cidadão petropolitano.”, disse Evavy Noel, diretora de turismo da FCTP.

Durante a JMJ mais de cinco mil peregrinos ficaram hospedados na região e tiveram a oportunidade de conhecer a fé local. Passado o evento, a prefeitura tenta incentivar o turismo acerca dessas construções, datadas dos séculos XVIII e XIX.

São centenas de capelas e igrejas, algumas já demolidas, mas que ainda fazem parte da cultura local. Uma pequena seleção desses templos você encontra nesta matéria.



PETRÓPOLIS

CATEDRAL DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA

Com arquitetura grandiosa, inspirada pelas antigas catedrais do norte da França, a Catedral de São Pedro de Alcântara foi construída para substituir a “Matriz Velha” e hoje é um dos principais atrativos turísticos da região. Datada do século XVIII e patrocinada por D. Pedro e por sua filha, a Princesa Isabel, o nome é uma homenagem ao padroeiro da cidade.

Mas não são só os 70 metros de altura da fachada e os cinco sinos de bronze que impressionam. No centro da catedral há um sarcófago duplo que abriga os restos mortais do Imperador D. Pedro II e da Imperatriz Tereza Cristina, sua esposa. O lugar é um dos pontos turísticos mais tradicionais de Petrópolis.

Anterior à Catedral, o principal templo do município era conhecido como “Matriz Velha”, palco de importantes eventos religiosos. Benzida em sua inauguração em 1751, foi, por muitos anos, a igreja mais antiga da cidade e, mesmo após a sua demolição, em 1926, continua presente na cultura religiosa local até os dias de hoje. A construção era no andar térreo e abrangia o espaço que hoje é compreendido entre o atual prédio do Banco Construtor do Brasil e a esquina da Rua General Osório, no Centro.

Para conhecer: Rua São Pedro de Alcântara 60, Centro. As visitas são feitas diariamente das 8h às 18h. O horário está sujeito a mudanças de acordo com



Foto: Divulgação FCIP

Fiéis admiram a escultura de Nossa Senhora de Fátima

eventos religiosos. O telefone para contato é (24) 2242-4300. Entrada franca.

MOSTEIRO DA VIRGEM

Mais conhecida como Mosteiro da Virgem, a Igreja Consagrada Imaculada Conceição abriga uma comunidade de Benedictinas desde 1939. A construção foi reformada e ampliada há 25 anos, com a doação do terreno vizinho ao Mosteiro. A obra foi projetada pelo arquiteto e artista sacro Cláudio Pastro,

com estilo moderno. No local se destacam um painel que representa Jesus Cristo Glorioso, uma rara imagem da Virgem Maria grávida, o coro monástico, uma capela que abriga o Santíssimo Sacramento e a Menorah – candelabro de sete braços, um dos principais símbolos do judaísmo.

Para conhecer: Avenida Ipiranga 555, Centro Histórico. A visitação é feita diariamente das 7h às 18h. As missas são celebradas de segunda a sábado às 7h, e domingos às 10h30.

TRONO DE FÁTIMA

Inaugurado em 1947, o Trono de Fátima foi projetado pelo engenheiro Heitor da Silva Costa, também responsável pela estátua do Cristo Redentor. A imagem é a de Nossa Senhora de Fátima, envolta por sete colunas, representando os dons do Espírito Santo. Sobre a cúpula está um anjo com um metro de altura. No subsolo da construção encontra-se a Capela de Nossa Senhora de Fátima. Toda a obra possui 14 metros e fornece ao turista uma vista privilegiada do Centro Histórico de Petrópolis. Para os que buscam a cura de alguma doença, há a Sala dos Milagres. Neste local, os fiéis depositam partes do corpo humano feitas em cera, acendem velas e rezam para terem seus pedidos atendidos.

No dia 13 de cada mês, peregrinos em oração percorrem as estações do Ca-



Painel com a imagem de Jesus Cristo Glorioso, no mosteiro da Virgem





Fachada da igreja Sagrado Coração de Jesus feita por imigrantes alemães

minho do Rosário até chegar à capela. A escolha do dia é uma homenagem ao dia 13 de maio de 1917, data da primeira aparição de Nossa Senhora na cidade de Fátima, em Portugal.

Para conhecer: Rua Bispo Dom José s/nº (acesso pela Rua Monsenhor Bacelar), Valparaíso. O santuário está aberto para visitação todos os dias das 8h às 18h.

IGREJA SAGRADO CORACO DE JESUS

Centenária, a Igreja Sagrado Coraco de Jesus completa 140 anos em setembro de 2014. Os responsáveis pela obra foram imigrantes alemães católicos que queriam possuir um templo próprio. Os padres criaram escolas para os filhos dos colonos germânicos e crianças em risco social, além de escolas de música para adultos e crianças, o que

deu origem ao Coral dos Canarinhos de Petrópolis. Hoje, ao lado da construção, encontra-se uma capela em homenagem a Frei Galvão, primeiro brasileiro a ser canonizado e reconhecido santo, em 2007.

Para conhecer: Rua Montecaseros 95, Centro. As missas acontecem nas segundas, quartas, quintas e sextas, às 7h e 8h; nas teras, às 7h, 8h, 15h e 18h; aos sábados, 7h e às 16h15; e domingos, às 7h, 8h30min, 10h, 18h e 19h30min.

CAPELA NOSSA SENHORA DO SION

Localizada no prédio da Universidade Católica de Petrópolis (UCP), a Capela Nossa Senhora do Sion foi construída entre 1914 e 1922. Inspirada na Capela da Congregação de Nossa Senhora de Sion de Paris, França, é assinada pelo engenheiro Heitor da Silva Costa, responsável pela construção do Cristo

Redentor, no Rio de Janeiro. Em estilo renascentista, possui uma nave central e duas colaterais com um coro em semicírculo. As abóbadas e os grandes arcos constituem as partes mais interessantes da obra.

Para conhecer: Rua Benjamin Constant 213, Centro – Tel: (24) 2244-4000. Missas de segunda a sexta-feira, às 18h30; e domingos, às 11h30. As visitações acontecem de segunda a sexta-feira, das 8h às 13h e das 17h às 21h.

CAPELA NOSSA SENHORA AUXILIADORA

Inaugurada em 1901, foi o primeiro templo erguido em homenagem a Nossa Senhora Auxiliadora. Conhecida também como Capela do Bingen, nasceu da devoção, sobretudo, dos descendentes dos colonos alemães. Localizada no alto do morro “São Francisco”, propriedade do Convento dos Franciscanos, possuía decoração simples até que, em 1919, sofreu algumas alterações. Um altar lateral em estilo gótico, pertencente anteriormente à Igreja do Sagrado Coraco de Jesus, foi instalado. Dois vitrais foram colocados ao lado da mesa de comunhão e as cruzes representando as estações da via-sacra postas no caminho que leva à Capela. As cruzes foram substituídas, mais tarde, por capelinhas idealizadas pelo Frei Edgar Leurs e, até hoje, podem ser vistas pelos visitantes.

Para conhecer: Rua Doutor Paulo Herve 1539, Bingen. Missas aos domingos, às 8h. A visitação  mediante agendamento pelo telefone (24) 2235-9106.

IGREJA DE SANTA CATARINA

A Igreja Santa Catarina está localizada ao lado do colégio, que leva o mesmo nome onde, há quase 113 anos, a Congregação das Irmãs de Santa Catarina se dedica  educação de crianças e jovens. Em estilo gótico, a Igreja foi construída em 1921. Nas paredes laterais, 14 imagens representam a Via Sacra. A mesa de comunhão em mármore branco e adornos em bronze dourado traz em suas extremidades a âncora e o peixe, símbolos utilizados pelos cristãos para se identificarem na época em que eram perseguidos. O peixe representava os próprios cristãos e a âncora, a salvação. Em 1997, em comemoração pelo seu centenário, a Igreja foi apresentada com uma imagem de Santa Catarina de Alexandria, esculpida em madeira pelo artista petropolitano Nando.

Para conhecer: Rua Montecaseros 288, Centro. Missas aos sábados, às 19h. Visitação mediante agendamento pelo telefone (24) 2242-2871 □



**RIQUEZA
MATERIAL DO
ESTADO
APRESENTADA
EM UM ÚNICO
GUIA**



Escadaria Selarón, no Rio de Janeiro, que liga os bairros da Lapa e de Santa tereza

Guia dos Bens Tombados do Rio de Janeiro lista todos os patrimônios móveis e imóveis do Estado em uma edição de 135 páginas e 290 imagens

RAFAEL RIBEIRO

O estado do Rio de Janeiro é conhecido por suas belas paisagens e grande acervo cultural. Turistas do mundo todo se encantam com as maravilhas e moradores vivem satisfeitos num lugar de tamanha importância e beleza indescritível. Com o objetivo de divulgar a riqueza do patrimônio cultural fluminense, tanto para a população do Rio, quanto para o povo brasileiro, a Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, através do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac), lançou, no fim de 2013, a segunda edição do Guia dos Bens Tombados, que apresenta todos os bens materiais do Estado, como edifícios históricos, fazendas, centros culturais, coleções de obras de arte e paisagens naturais.

O leitor pode apreciar em 135 páginas 500 verbetes que desta-

cam as referências históricas e informações dos locais, 290 fotos e três mapas. O Guia, que teve uma tiragem inicial de 1500 exemplares, mostra aproximadamente 3.200 bens tombados em 229 processos e traça a importância da preservação do patrimônio material do Estado. Na interpretação da obra, o público visita a história do Brasil e do Rio de Janeiro nesta publicação de enorme preciosidade.

A lista é grande e cobre todo território fluminense. Há conjuntos urbanos e paisagísticos, como o do Centro Histórico de Valença, na Região Serrana, que possui mais de 130 bens tombados, como as igrejas Matriz de Nossa Senhora da Glória e Nossa Senhora do Patrocínio. Também estão incluídos o prédio da antiga Santa Casa de Misericórdia, a Casa de Cultura Léa Pentagna e a Câmara



Foto: Divulgação Inepac

Lançada em dezembro de 2013, a segunda edição do Guia dos Bens Tombados pelo Estado do Rio de Janeiro tem como objetivo apresentar ao leitor todos os patrimônios tombados pelo Inepac no território fluminense. São 135 páginas, 290 fotos e três mapas que traçam a importância dos bens para o estado

Municipal. Miracema, cidade no Norte Fluminense, também aparece com o Centro Histórico, que conta com o prédio do Hospital de Miracema, as chaminés da antiga fábrica de ladrilhos Cerâmica Miracema e da Usina Santa Rosa, as capelas de Areia, de Nossa Senhora do Paraíso e em Vendas das Flores.

Na Região dos Lagos, há nomes como o Sítio Histórico de São Pedro da Aldeia, as Dunas de areia branca da praia do Peró, em Cabo Frio. De igual beleza, na cidade do Rio de Janeiro, a famosa Praia de Ipanema também figura na relação, assim como o Conjunto da Rua da Carioca; no Centro, e construções históricas como o prédio do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, o Hotel Copacabana Palace e a Fábrica do Conhecimento, em Paracambi, onde se fabricava tecidos de algodão entre os anos de 1871 e 1984. Coleções de obras de artes, como a do Bannerj com 888 peças e a do artista plástico Arthur Bispo do Rosário com 802, também estão listadas.

Em um acervo tão grande, é difícil determinar algum patrimônio que tenha mais destaque que o outro. O diretor-geral do Inepac, Paulo Vidal, argumenta: “Na realidade todos são importantes sob algum ponto de vista, pois cada um tem sua relevância histórica no Rio de Janeiro”, conta. Na lista, ainda é possível encontrar nomes como Mata Atlântica; Liceu de Humanidades, em Campos; as 12 fazendas do Vale do Paraíba Fluminense, no Sul do Estado; o antigo Convento do Carmo, na Praça XV; e o acervo do Arquivo Geral da Cidade, com dados documentais da história da cidade; praias, entre outros.

O Guia é uma verdadeira aula de conhecimento e curiosidades. Na obra, admiradores da história do Brasil também encontram fotografias e referências de fazendas históricas. Várias foram tombadas pelo Inepac, como por exemplo a Fazenda São Domingos, em Itaperuna. Construída em 1839 por escravos, atingiu seu auge econômico nas primeiras décadas

Foto: Divulgação/Isabela Kassow/Diadorim Ideias



O conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico formado pela Praça Visconde do Rio Preto, localizada no Centro de Valença, também é tombado pelo Inepac

Foto: Divulgação/Cris Isidoro/Diadorim Ideias



Tombada em 2008, a Fazenda São Domingos, em Itaperuna, costumava ter Alberto Santos Dumont como hóspede e visitas constantes do Imperador Dom Pedro II, em 1883

Foto: Divulgação/Cris Isidoro/Diadorim Ideias



O Centro Histórico de Miracema, no Norte Fluminense, formado por um conjunto

Foto: Divulgação/Isabela Kassow/Diadorim Ideias



A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Glória é um dos bens tombados do município de Valença, no Sul do estado. Crédito: Divulgação/Isabela Kassow/Diadorim Ideias
Foto 2: Capela da Fazenda Colubandê, em São Gonçalo

Foto: Divulgação/Isabela Kassow/Diadorim Ideias



A Fazenda Colubandê, em São Gonçalo, é um dos patrimônios mais bem preservados da cidade

Foto: Divulgação/Isabela Kassow/Diadorim Ideias



Capela da Fazenda Colubandê, em São Gonçalo.

do século XX, quando chegou a ser uma das maiores fornecedoras brasileiras de café. Por várias vezes hospedou Alberto Santos Dumont, que era parente do alferes Joaquim Ribeiro da Silva. Outra visita ilustre foi do Imperador Dom Pedro II, em 1883. A Fazenda do Colubandê, em São Gonçalo, também é conhecida por seu valor histórico. Datada de 1618, a capela foi construída em homenagem a Nossa Senhora de Montserrat. A casa grande tem o teto com estilo oriental, as janelas mostram influência da época de Luís XV e o entorno da varanda possui 16 colunas em estilo grego-romano, com conversadeiras entre cada coluna.

CONHECIMENTO PARA TODOS

Segundo o diretor-geral do Inepac, o Guia pretende informar sobre os patrimônios materiais para toda a população do país, não só do Rio de Janeiro. “Todo país tem o direito de conhecer a riqueza patrimonial fluminense. É importante destacar que o Guia é um elemento complementar ao portal do Inepac, onde muitas outras informações podem ser encontradas por todos que desejam conhecer o patrimônio cultural do Estado do Rio de Janeiro”, diz.

Responsável pela preservação e fiscalização do patrimônio cultural e artístico do Rio de Janeiro, o Inepac vem desenvolvendo ações, estudos e pesquisas sobre os bens para que possam ser tombados. O Guia, portanto, é um trabalho em benefício à população, tornando de conhecimento público todo o patrimônio cultural tombado pelo Estado. Mas até o projeto virar realidade foram necessários anos de pesquisa e a colaboração de aproximadamente 25 pessoas cedidas pela equipe do Inepac. De 2005, ano da primeira edição, até 2012, o Instituto fez uma série de tombamentos de centros históricos.

“O Guia é reeditado periodicamente incorporando os tombamentos realizados pelo Conselho Estadual de Tombamento entre

uma edição e outra”, afirma Paulo Vidal. Ele diz ainda que o trabalho de preservação do patrimônio é um trabalho continuado. “A visita aos patrimônios tombados é rotineira, pois cabe ao Inepac analisar e fiscalizar todas as ações empreendidas nos bens ou no seu entorno”.

O projeto é uma obra coletiva, e, além do Inepac e da Secretaria de Cultura, teve a coordenação editorial de Dina Lerner e Marcos Bittencourt, a fotografia de Pedro Oswaldo Cruz, projeto editorial da empresa Unidesign e diagramação de Glaucio Campelo. O diretor-geral acrescenta que a resposta dos secretários municipais tem sido muito positiva. “Isto implica sempre no aumento do número de pedidos de tombamentos feitos ao Inepac”.

PRESERVAÇÃO

Mas o que é tombamento? É um instrumento específico e legal que permite a proteção dos bens culturais. Essa ideia foi criada em 1937 e possibilitava ao Estado proteger da destruição todos os bens móveis e imóveis, considerados de interesse público, em função de sua importância cultural ou natural. Em 1988, a Constituição Federal ampliou a responsabilidade do poder público em salvaguardar e promover os patrimônios culturais junto ao apoio da comunidade. Além do tombamento, o Governo é responsável por outras formas de cautela e preservação, como inventário, registro, vigilância e desapropriação. A Constituição de 1988, portanto, definiu que é dever de todo cidadão cuidar do patrimônio cultural do país, enquanto a tarefa de proteção de documentos, obras, paisagens naturais, sítios arqueológicos e outros bens cabem comumente a União, dos Estados, Distrito Federal e dos Municípios. “Um elemento básico na questão do patrimônio cultural é a noção de pertencimento, por isso é fundamental cuidar. O indivíduo só cuida da-

Foto: Divulgação/Isabela Kassow/Diadorim Ideias



Acima, o prédio da antiga estação ferroviária na cidade de Engenheiro Paulo de Frontin
Abaixo, a fachada do cinema Edmo Erthal, em Bom Jardim, conhecido como Cine Bom Jardim

Foto: Divulgação/Cris Isidoro/Diadorim Ideias



Foto: Divulgação/Isabela Kassow/Diadorim Ideias



Localizado em Petrópolis, o Palácio Quitandinha foi erguido em 1944



Foto acima: Liceu de Humanidades de Campos, em Campos dos Goytacazes, com estilo neoclássico. Abaixo, o Museu Arqueológico de Araruama, na sede da Fazenda Aurora



Foto: Divulgação/Isabela Kassow/Diadorim Ideias



A Praia de Ipanema e Arpoador é um dos cartões-postais mais bonitos do Rio de Janeiro

quilo que considera como seu, portanto o Inepac desenvolve o Programa Integrado de Educação para o Patrimônio Cultural. O lançamento do Guia dos Bens Tombados é, também, uma ação desse programa. Portanto, a divulgação desses patrimônios e sua importância histórica e cultural são fundamentais para a sua preservação”, argumenta.

Paulo Vidal afirma que o Guia não serve apenas para o leitor conhecer os lugares e sim de criar vínculos e preservar os espaços. “É um convite também para que todos possam vivenciar os lugares que listamos e deixar um legado cultural para nossas gerações futuras. Nosso trabalho é uma missão institucional e voltada para resguardar a memória social e preservar os elementos referenciais de uma sociedade. Quem não preserva e conhece seu passado, não há como avançar. É como um prédio sem fundações e acaba caindo”, finaliza.

PATRIMÔNIO IMATERIAL

E há novos planos. Paulo Vidal confirmou que o Guia do Patrimônio Imaterial Fluminense está a caminho e será lançado em breve. Trata-se da relação dos bens imateriais e referências culturais do Estado do Rio de Janeiro. “A pesquisa durou um ano, de outubro de 2012 a outubro de 2013, cobrindo todo o calendário de manifestações do Estado”, afirma. O Guia, dividido em seis categorias e 243 verbetes, tem o objetivo de ser instrumento de consulta para toda a população brasileira, e não só do Rio de Janeiro. A obra, segundo o diretor-geral do Inepac, é de extrema utilidade para todos. “O documento pode ajudar tanto as pessoas que desejam conhecer as manifestações culturais e o patrimônio imaterial, quanto as ações de educação para o patrimônio cultural, pesquisadores da área, pesquisas escolares e professores, pregando a preservação e o respeito à diversidade cultural fluminense”, finaliza □



Sociedade Fluminense
de Fotografia
1944 - 2014
70 ANOS EM FOCOS

A fotografia em destaque

Completando 70 anos de existência em outubro, a Sociedade Fluminense de Fotografia, em Niterói, não perde o fôlego, mantendo sempre viva a missão de preservar, divulgar e ensinar a arte de capturar imagens



Fotos: Divulgação SFF

Exposição "Da época do fotoclubismo à fotografia contemporânea" mostra o talento de membros da SFF

THAÍS BRITO

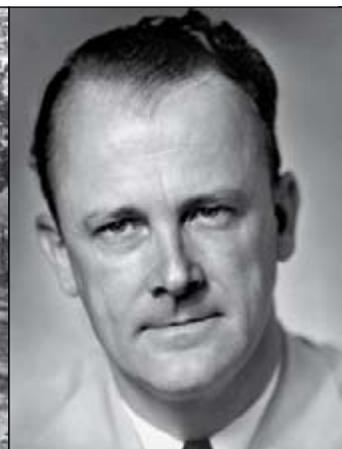
Desde o fotoclubismo até a fotografia contemporânea, a Sociedade Fluminense de Fotografia (SFF) sempre se destacou como um lugar de referência para os amantes desta arte. E, em 2014, seus admiradores têm mais um motivo para se orgulharem: a instituição, cujo principal

incentivador foi Jayme Moreira de Luna, está comemorando 70 anos de existência, mostrando a força do trabalho desempenhado desde a fundação em 12 de outubro de 1944. Para lembrar a data, além de um selo comemorativo, a SFF vem marcando as comemorações do aniversário com uma agenda cultural que inclui exposições, encontros e palestras que

aconteceram ao longo deste ano.

Em menos de um ano de existência, a SFF já escrevia seu nome na história da fotografia mundial com a organização de sua primeira mostra internacional, no antigo Hotel Cassino - atual prédio da reitoria da Universidade Federal Fluminense-, no bairro de Icaraí, na Zona Sul de Niterói. "Logo nos meses iniciais, a

A história da SFF contada em fotografias de Alan Fischer, Walter Fialho Bittencourt, Stefan Ronsenbauer, Décio Brian, Chakib Jabôr e Kleber Feliciano Pinto (da esquerda para a direita)





Sociedade Fluminense
de Fotografia
1944 - 2014
70 ANOS EM FOCO



O laboratório é um espaço que se destaca na estrutura da instituição

instituição se engajou no movimento do fotoclubismo internacional, marcado pela associação de seus membros em prol do desenvolvimento da fotografia, realizando já, em janeiro de 1945, seu primeiro salão internacional. Após o êxito, seguiu com a organização deste tipo de evento, o que fez com que tivesse grande projeção no cenário internacional. E, com apenas três anos, já figurava como um dos mais importantes fotoclubes do Brasil, tendo entre seus membros importantes nomes como César Salomonde, Chakib Jabôr e Luís Antônio Pimentel”, conta o presidente da SFF, Antonio Machado, de 61 anos, mais conhecido como Toninho, que está há 18 anos no comando da instituição.

A BUSCA PELA SEDE

Apesar do amor à arte e do sucesso do empreendimento, os participantes da instituição não tinham um espaço adequado para as reuniões. E, mais uma vez, Luna desempenhou

papel fundamental ao intervir e oferecer o porão habitável de sua própria casa, de estilo *art nouveau*, na Avenida Sete de Setembro, nº 204, como local para os encontros. Pouco tempo depois, foi alugada uma sala no Centro por Luna, mas a rápida projeção da SFF mudou este cenário de improviso. Uma lei do ex-deputado Alberto Torres, sancionada pelo ex-governador Edmundo de Macedo Soares e Silva, em 17 de outubro de 1949, autorizou o Estado a doar um terreno para a construção da sede da agremiação na Rua Dr. Celestino, no Centro de Niterói. O sonho virou realidade em 27 de agosto de 1955 com a inauguração do espaço, mantido até hoje no mesmo endereço.

ENTRE CURSOS E EXPOSIÇÕES

Com o desenvolvimento tecnológico e a popularização de exposições em museus, a SFF foca, atualmente, na recuperação da memória e na educação. Para atender a esta demanda, a estrutura da instituição é composta por duas galerias de

exposição, laboratório analógico, estúdio de grandes proporções, salas de aula para os cursos (incluindo uma específica para o meio digital com programas voltados para o tratamento de imagens) e biblioteca, além do espaço dedicado à administração.

No setor de preservação da história chama atenção a biblioteca, que reúne títulos publicados desde o século XIX, abrigando em seu acervo livros, revistas e catálogos do movimento fotoclubista internacional. Já na atuação como escola, a instituição se diferencia ao oferecer diversos cursos, entre eles: fundamental de fotografia, iluminação, prática de moda para fotógrafos e modelos, fotografia de eventos sociais, filmagem, fotojornalismo, fotografia para publicidade- produtos e de formação em ferramentas de edição, como o Photoshop CS6 e Flash.

A vice-presidente da SFF, Nair Avellar, de 84 anos, conta que o sucesso dos cursos não vem de hoje. Relembrando os tempos de professora da SFF, ela mergulha no passado e revela o eterno encantamento dos estudantes durante as aulas. “Eles sempre gostaram muito, sobretudo, daquelas que aconteciam no laboratório. Era empolgante lembrar como ficavam contentes ao ver a imagem sendo revelada. Alguns pareciam crianças de tão encantados que estavam com o resultado do seu trabalho”, conta Nair □

SERVIÇO

Para informações, entre em contato pelo telefone (21) 2620-1848 ou no site www.sff.com.br. A SFF fica na Rua Doutor Celestino, nº 165, no Centro de Niterói.





Sociedade Fluminense
de Fotografia

1944 - 2014
70 ANOS EM FOCO

Jayme Moreira de Luna: o homem por trás da SFF

Conheça um pouco a história de um dos principais nomes da instituição



Foto: Jayme Moreira de Luna

Mineiro do município de Santa Rita do Sapucaí, Jayme Moreira de Luna formou-se em Direito na Universidade Federal Fluminense (UFF) em 1938. Atuou em diferentes frentes do meio advocatício, mas foi o amor que dedicou à fotografia que transformou sua vida. Casado com Maria Elysia Peixoto de Araújo, passou a morar em Niterói, no estado do Rio de Janeiro, onde nasceram seus quatro filhos: Elysio, Marísia, Eliana e Cristina.

Já instalado no município, não titubeou quando detectou que existia uma grande necessidade dos artistas-fotógrafos de se reunirem para discutir sobre o tema e resolveu criar as bases para o nascimento da Sociedade Fluminense de Fotografia (SFF).

“Cada um sabia um pouco e, durante os encontros, aproveitavam para trocar informações técnicas, se atualizarem sobre o que acontecia no mundo, além de se apoiarem mutuamente no que tangia a aquisição de material fotográfico com um revelador, uma câmera ou um simples filme”, conta o presidente da SFF, Antonio Machado.

Mas o espírito visionário de Luna sempre chamou atenção. Uma vez, uma universitária norte-americana que pretendia fazer uma homenagem ao Brasil contou-lhe que não encontrava fotos do Brasil na embaixada do país assim como nos consulados do país nos Estados Unidos. A situação fez com que ele tomasse uma atitude, procurando o então chefe da Divisão Cultural do Itamarati, embaixador e escritor Néelson Tabajara de Oliveira,

para colocar a SFF à disposição para reverter este quadro.

Machado narra em detalhes este episódio que ilustra bem a personalidade de Luna. “Ele reuniu os membros da sociedade na época e propôs um passeio pelo Brasil. No princípio da década de 60, as passagens áreas tinham preços proibitivos e não era uma tarefa fácil. Mesmo assim todos concordaram, mas ninguém fez nada. Então, o Luna que tinha um carro modelo kombi resolveu percorrer boa parte do Brasil fotografando o litoral – indo dos estados da Paraíba ao Rio Grande do Sul – além de incluir Brasília. Acompanhado da família, ele arcou com todos os custos da viagem que deu origem a 40 coleções de 50 fotos cada uma que posteriormente foram cedidas ao Itamarati.”

Imagens de H. Fellet, Nair Avellar Nunes e Chico Nascimento (da esquerda para a direita)



Escola Estadual de Dança Maria Olenewa: muito além das aulas



Coreografia do espetáculo de ballet *Estudos da Dança*

A EEDMO oferece vários cursos gratuitos e forma profissionais para compor o corpo de baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro

O Theatro Municipal do Rio de Janeiro abriga, desde 1927, uma das escolas de dança mais importantes e consagradas do país. Com 87 anos de trabalho ininterruptos, trata-se da Escola Estadual de Dança Maria Olenewa, a primeira do segmento de música clássica fundada no Brasil. Sob a direção de Maria Luisa Noronha, a instituição é responsável pela formação de bailarinos que compõem o corpo de baile do Municipal, além de oferecer vários cursos gratuitos para a comunidade.

Entre as aulas disponíveis pela Escola, estão as de balé clássico e moderno, pás de deux, repertório clássico, danças características, dança espanhola, composição e improvisação, História da Arte e da Dança, terminologia da dança clássica, educação musical e comportamento e atitude profissional. Todos os alunos, seja em curso ou formado, têm a oportunidade de participar de espetáculos promovidos pelo Theatro Municipal. Isso ocorre de acordo com a necessidade do corpo de baile.

“Para os estudantes, esta participação conta como estágio profissional e proporciona grande experiência para eles, que podem criar senso de profissionalismo, tão importante nesta profissão. Para um dos espetáculos mais consagrados,

O Quebra Nozes, escolhe-se alguns alunos dos anos iniciais, intermediários e avançados para compor o elenco”, diz Maria Luisa.

Maria Luisa explica o reconhecimento da EEDMO como uma das mais importantes do país em seu segmento. “Além de ter sido a primeira escola de dança oficial do país, temos formado ao longo de nossa história grandes artistas bailarinos que atuam no Brasil e no exterior. Sem contar a qualidade dos nossos espetáculos, que é excelente”, diz.

Formado por alunos da instituição, o primeiro corpo de baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro foi organizado e oficializado em 1936. Ao longo de sua tradição, a EEDMO formou nomes importantes do ballet, como bailarinos, coreógrafos e maitres, que atuam no país e no exterior, como Roberta Marquez, atual primeira bailarina do Royal Ballet de Londres; Claudia Mota e Marcia Jaquelina, primeiras bailarinas do Theatro Municipal; Leticia Oliveira, Marcia Haydée, Addy Adoor, Yvone Meyer, entre outros.

O nome da Escola é em homenagem a bailarina Maria Olenewa, primeira diretora da instituição e quem ministrou a aula inaugural. Nascida em Moscou, Olenewa foi primeira bailarina da Companhia de

Dança Ana Pavlova. Estimulada pelo crítico de teatro do Jornal do Brasil à época, ela fundou no dia 21 de abril de 1927 a Escola de Danças Clássicas do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, que levou seu nome apenas em 1982.

“Maria Olenewa foi a célula máter do ballet no Brasil. Homenageá-la dessa forma é preservar sua memória e reconhecer a importância de um trabalho desenvolvido em prol da dança”, elogia a diretora.

O ingresso na Escola de Dança Maria Olenewa é feito através de testes de aptidão realizado por professores que avaliam se a pessoa possui os pré-requisitos físicos, técnicos e artísticos para se tornar um bailarino profissional. A idade mínima para ingressar no programa é de oito anos de idade, e as inscrições acontecem geralmente todo o mês de outubro □

SERVIÇO

Endereço: Avenida Almirante Barroso, 14/16, Centro – Rio de Janeiro (prédio anexo ao Theatro Municipal).

Telefones:
(21) 2332-9129 / 2332-4110
Site: www.eedmo.rj.gov.br

Microfilmagem como meio de preservação da história



Biblioteca Nacional e a preocupação de preservar a memória do Brasil, através da microfilmagem de jornais e livros

LUANA SOARES

Nos últimos anos, o mundo vivenciou um grande avanço tecnológico. Numa velocidade impressionante, novidades eram lançadas com destaque para suas vantagens e formas de uso. Do disquete, passando pelo CD, DVD, Blu-ray até o pendrive, diversas mídias foram apresentadas à população. Cada uma a seu tempo, de algum modo, acabou substituindo a outra. Afinal, quem ainda usa o disquete ou garante que o blu-ray será utilizado nos próximos 20 anos? Apesar de todas essas invenções, uma criação do século XIX ainda sobrevive e é a mais recomendada e segura para guardar e preservar documentos, livros, jornais e qualquer registro histórico, seja no

Brasil ou no mundo: o microfilme.

Criado por René Dragon com o objetivo de transportar mapas durante a Guerra Franco-Prussiana, apenas em 1927 começou a ser comercializado. A Kodak lançou uma microfilmadora de cheques, chamada de Recordak. A novidade foi vista pelos grandes bancos como uma possibilidade de diminuir o volume de documentos existentes, além de poder armazenar a longo prazo. A técnica permite a substituição do original por uma cópia fiel à fonte primária, em formato de microfilme.

A microfilmagem de documentos é uma metodologia utilizada para a preservação da informação e da imagem documental. A imagem é captada através de um processo fotográfico e é armazenado em rolos. Com o crescimento da informática no século XX, o microfilme não parou no tempo, evoluiu e, de documentos únicos, passou a microfilmar documentações de grande volume. No Brasil, um dos locais

que realizam esse trabalho é a Biblioteca Nacional. Com a preocupação de preservar a memória do país, em 1946 passou a ser oferecido o serviço de transferência do papel para o microfilme. Desde então, o acervo vem passando pelo processo e já são mais de 60 mil rolos de microfilmes guardados na Sala Cofre, um espaço com temperatura e umidade adequadas.

Uma de suas principais vantagens é a durabilidade. Estudos apontam que o microfilme dura 500 anos. Os mais antigos na Biblioteca Nacional já completaram 68 e, segundo Vera Lucia Garcia Menezes, coordenadora da Coordenadoria de Microrreprodução, eles estão intactos.

“Eventualmente pegamos esses microfilmes para teste e vemos que a qualidade se mantém. Na literatura consta que eles duram 500 anos, mas isso eu não posso garantir ainda. Até o momento, com 68 eles estão em perfeitas condições”, conta Vera.

De livros raros a jornais diários, diversos materiais são microfilmados pela BN. Entre eles estão

partituras, manuscritos, coleções de revistas, mapas, ilustrações. Entre as preciosidades estão livros datados dos séculos XV e XVI. A maioria deles chegou ao Brasil com a Família Real, em 1808, já que Dom João VI trouxe a biblioteca real para as terras brasileiras. Devido à idade, à acidez e ao uso, essas peças estão fora de manuseio. Infelizmente, a deterioração limita tanto o acesso físico quanto intelectual ao mesmo. Com a microfilmagem, o conteúdo é salvo e mantido na coleção, em uma forma compacta e durável, por meio de uma tecnologia que é simples e bem estabelecida.

O uso da microfilmagem não é exclusivo no Brasil. Em diversos lugares do mundo, ele é utilizado para o mesmo fim. A biblioteca da Universidade de Yale, nos Estados Unidos, foi uma das primeiras instituições a desenvolver práticas de microfilmagem para preservação.

MICROFILME X DIGITAL

Desde o *boom* de novas tecnologias digitais, instituições ficam divididas ao escolher a mídia que devem usar para preservação de seus documentos. Ambas auxiliam no que tange à redução de volume do acervo, já que o espaço ocupado para armazenamento é pequeno. Nesta disputa, o microfilme tem ampla vantagem legal, já que é a única mídia amparada por lei (Nº 5.433/1968 e Decreto nº 1.799/1996) e que é



Na fase do preparo, o material é folheado e até mesmo passado a ferro

reconhecida como cópia fiel do documento original. Isso significa que ele pode ser utilizado como prova, pois sua autenticidade é confiável, afinal, o microfilme é uma mídia que não permite alterações. Em contrapartida, mídias digitais não possuem amparo legal e podem ser facilmente adulteradas e manipuladas.

“Hoje em dia a menina dos olhos do mundo é o digital. Não estou achando que é errado não, só que não se pode esquecer o microfilme porque, por enquanto, ainda não tem garantia de durabilidade das imagens digitalizadas”.

Por sua vez, o microfilme é considerado uma mídia dura, já que tem apenas 2 cores: preto e branco. Ilustrações, mapas e qualquer tipo de imagens são, atualmente, digitaliza-

dos de preferência, justamente para não perder a cor. Num mapa, por exemplo, a marcação colorida entre estados, cidades, regiões fluviais e até mesmo de relevo, seria perdida no microfilme, ficando tudo um borrão preto. Esta divisão já é feita na Biblioteca Nacional. Vale ressaltar que jornais, revistas e livros, apesar de muitas vezes ilustrados, também passam pela microfilmagem, justamente para não perder o texto, a informação.

A tecnologia do microfilme permite ainda sua conversão em imagem digital. Desta forma, ele pode ser enviado rapidamente, permitindo o acesso a pessoas que estão distantes. Afinal, ele obriga o usuário a utilizar um equipamento especial de projeção, em um local específico.

“O digital pra mim é importante pelo acesso. Você digitaliza agora e lá no Acre a pessoa vai ter essa imagem. Com o microfilme é diferente, é preciso microfilmar, processar, duplicar, mandar pelo Correio, ou então digitalizar o microfilme e enviar. Pra mim o digital é o acesso, mas o microfilme é a preservação”, enfatiza Vera.

O microfilme é um meio análogo (uma imagem real dos dados originais), e é muito fácil de ser usado. Ao contrário de mídia digital, o formato de dados é instantaneamente compreendido por pessoas que entendam a linguagem usada no mesmo; o único equipamento necessário é uma lupa. Isso reduz a possibilidade de obsoles-



A tecnologia para microfilmar é a mesma há anos, e considerada estável

cência. Uma curiosidade é que, mesmo sem equipamento, sem luz, se você acender uma vela você conseguirá ler o microfilme, o que é impossível fazer com um CD, HD ou outra mídia de armazenamento digital.

A desvantagem final do microfilme é que esse perde qualidade durante a cópia, por se tratar de processo analógico, assim como ocorre com fotocópias de papel. Sucessivas cópias podem tornar o resultado final inutilizável. O mesmo processo não ocorre com mídias digitais (CD, DVD, etc) onde cada cópia é idêntica quanto ao seu conteúdo e forma de apresentação ao original, e desde que não tenha havido corrupção dos dados no processo de migração e que o formato digital utilizado para registro bem como a mídia de armazenamento não estejam obsoletos.

Nesta “disputa” não há vencedores, afinal, as duas tecnologias são ferramentas importantes para as instituições e trabalham, até mesmo juntas, para o bem da preservação e ao acesso às informações.

“Pode ser que daqui a uns 20 anos não tenha mais microfilme porque o digital conseguiu se estabelecer, foi provado que ele tem valor legal e durabilidade. Mas enquanto não tiver essa certeza, acabar com o microfilme fica complicado”, opina.

O PROCESSO

O processo de microfilmagem de um jornal corrente leva em média de 8 a 10 dias, mas pode demorar



Após microfilmar, é preciso avaliar a qualidade do material, se tudo está nítido

um pouco mais. Segundo Vera Lúcia, cada setor envia o material que será microfilmado (jornal, revista, documentos, livros raros). Em seguida, a área de Pesquisa e Preparo realiza a pesquisa bibliográfica e histórica, conferindo data de publicação, se faz parte de alguma coleção, confere se todas as páginas estão no lugar, se há algo faltando, se está fora de ordem. Em média, são feitos 5 rolos por dia na BN. Cada rolo tem capacidade de 800 a mil páginas.

“Caso tenha alguma falta é pesquisado em outras instituições e até em coleções particulares. Assim pegamos emprestado e adicionamos ao material completo para ser microfilmado. Desta forma, a informação não é perdida”, conta.

Esse cuidado é importante porque na microfilmagem não há como editar depois, colocar em ordens. As páginas já devem estar ordenadas ou será preciso refazer o trabalho. Não há cortes no microfilme, e isso é algo estabelecido por lei. E, caso o setor não localize as páginas faltantes ou até mesmo pedaços delas, isso deverá ser sinalizado num documento chamado sinalética. Ela deve conter todas as observações sobre o material. Se for um jornal, as edições, número de páginas, cadernos e encartes. E, em todos os casos, tem que ser notificado se há ausência de páginas e trechos.

O próximo passo é o preparo. O trabalho consiste em folhear página por página e ver se há algum problema. Muitas vezes é preciso fazer reparos no material. Dependendo do tempo útil e até do modo e estado de conservação, é possível encontrar folhas rasgadas, amareladas, fungos e até mesmo traças. Pequenas melhorias, como colagens e limpeza, são feitas dentro do setor de Microfilmagem. Mas, caso o dano seja maior, é preciso enviar para o setor especializado para limpeza e conserto.

“O setor de Conservação treinou nossa equipe e, quando é o caso de pequenos reparos, coisas que não precisam maquinaria para fazer intervenção nós fazemos aqui mesmo. Então, por exemplo, quando uma folha está rasgada, nós usamos um



Jornais, revistas e outras mídias são microfilmados para preservar a informação

filme plástico, que não danifica o papel para consertar”, explica.

Ainda no preparo, as páginas são passadas a ferro, para a superfície ficar plana. Orelhas e dobras são eliminadas neste processo. Sem isso, ao microfilmar o ponto que estiver deste jeito ficará desfocado e o trabalho precisará ser refeito. Quando o material é muito antigo, a coloração dele é diferente, está mais amarelado, envelhecido. Para ter um bom resultado, é microfilmado duas vezes, em luzes diferentes, para chegar mais próximo ao ideal para a leitura.

Após passar pelas máquinas, o microfilme é avaliado para ver a qualidade, se está nítido. Sendo aprovado, é feita uma cópia e, em seguida, é encaminhado para a Sala Cofre.

PLANO NACIONAL DE MICROFILMAGEM DE PERIÓDICOS

Na área de conservação de acervo, a BN desenvolve ainda o Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros, com uma rede de núcleos estaduais visando preservação de toda produção jornalística do país. Criado em 11 de dezembro de 1978, tem como objetivo facilitar a pesquisa sobre a história do Brasil através da imprensa brasileira, e preservar a memória hemerográfica nacional. A BN é o núcleo central do plano e seu órgão mantenedor e padronizador.

Os núcleos em outros estados são responsáveis por organizar os jornais e revistas, microfilmar e enviar o rolo para a Biblioteca Nacional verificar a qualidade. Caso seja aprovado, a BN faz uma cópia do microfilme e manda para o núcleo de volta. O matriz fica na BN, armazenado na Sala Cofre.

“Todas as edições dos jornais e revistas são microfilmadas, até mesmo os encartes. Imagina que daqui a 15 anos você vai querer saber o preço da televisão nos anos 200. Talvez você não encontre isso numa pesquisa na internet, mas vai achar numa edição de jornal que foi microfilmada. Nosso trabalho é para a preservação da informação, é para guardar a história”, atesta Vera □

A Biblioteca Nacional

A Biblioteca Nacional é considerada pela Unesco uma das dez maiores bibliotecas nacionais do mundo, é também a maior biblioteca da América Latina. O núcleo original de seu poderoso acervo calculado hoje em cerca de nove milhões de itens é a antiga livraria de D. José organizada sob a inspiração de Diogo Barbosa Machado, Abade de Santo Adrião de Sever, para substituir a Livraria Real, cuja origem remontava às coleções de livros de D. João I e de seu filho D. Duarte, e que foi consumida pelo incêndio que se seguiu ao terremoto de Lisboa de 1º de novembro de 1755.

O início do itinerário da Real Biblioteca no Brasil está ligado a um dos mais decisivos momentos da história do país: a transferência da rainha D. Maria I, de D. João, Príncipe Regente, de toda a família real e da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, quando da invasão de Portugal pelas forças de Napoleão Bonaparte, em 1808.

Para garantir a manutenção de seu acervo, a FBN possui laboratórios de restauração e conservação de papel, estando apta a restaurar, dentro das mais modernas técnicas, qualquer peça do acervo que precisar desse serviço. Possui também oficina de encadernação e centro de microfilmagem, fotografia e digitalização. A Biblioteca Nacional desenvolve dois planos de conservação do acervo: O Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros e o Plano Nacional de Restauração de Obras Raras, cujo objetivo é identificar e recuperar obras raras existentes, não só na Biblioteca Nacional, como em outras bibliotecas e acervos bibliográficos do país.

Para consolidar a inserção da FBN na sociedade da informação, foi lançado o Portal Institucional, permitindo o acesso aos Catálogos em linha. Em 2006 foi criada a Biblioteca Nacional Digital concebida de forma ampla como um ambiente onde estão integradas todas as coleções



Foto: Divulgação/BN

digitalizadas colocando a Fundação Biblioteca Nacional na vanguarda das bibliotecas da América Latina e igualando-a às maiores bibliotecas do mundo no processo de digitalização de acervos e acesso às obras e aos serviços, via Internet.

O prédio atual da Fundação Biblioteca Nacional teve sua pedra fundamental lançada em 15 de agosto de 1905 e foi inaugurado cinco anos depois, em 29 de outubro de 1910. O prédio foi projetado pelo General Francisco Marcelino de Sousa Aguiar, e a construção foi dirigida pelos engenheiros Napoleão Muniz Freire e Alberto de Faria. Integrado à arquitetura da recém-aberta Avenida Central, hoje Avenida Rio Branco, o prédio é de estilo eclético, em que se misturam elementos neoclássicos. As instalações do novo edifício correspondiam na época de sua inauguração a todas as exigências técnicas: pisos de vidro nos armazéns, armações e estantes de aço com capacidade para 400.000 volumes, amplos salões e tubos pneumáticos para transporte de livros dos armazéns para os salões de leitura.

SERVIÇO

A Biblioteca Nacional fica na Avenida Rio Branco 219, no Centro do Rio. Mais informações pelo site www.bn.br

Ecomuseu da Ilha Grande tem como seu maior patrimônio a população local

Novo conceito de museu coloca a sociedade e meio ambiente em sua temática



Foto: Divulgação/Thiago Facina

A mostra "Arte e Ciência das Formas e Padrões da Natureza" inaugurou um novo espaço expositivo do Ecomuseu

SAMANTHA PAIXÃO

O museu é, tradicionalmente, um local que preserva a memória e cultura de uma sociedade. Então, imagine uma instituição que ultrapasse esta definição e as barreiras físicas do edifício: o Ecomuseu ou Museu Comunitário. O novo conceito surgiu na França na década de 1970, para quebrar o pensamento elitista sobre o museu. No Ecomuseu a coleção é substituída pelo patrimônio, o público pela comunidade e o edifício pelo território. O Museu Comunitário acompanha a evolução da sociedade, sendo uma instituição dinâmica.

E é isso que o Ecomuseu Ilha Grande, na Vila de Dois Rios, pratica na maior ilha do litoral de Angra dos Reis, no oeste fluminense. O local é rico em patrimônio ambiental, cultural e histórico, com 87% de

sua área preservada por legislação específica. Em uma região como esta, a ideia de Museu Comunitário surge como um auxiliar ativo na preservação ambiental e cultural.

O Ecomuseu Ilha Grande surgiu em 2007, e é um programa de extensão vinculado ao Departamento Cultural da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com o objetivo de desenvolver atividades de pesquisa e preservação do meio ambiente, da história e da comunidade local. Para isso a instituição tem quatro unidades: Museu do Cárcere, Centro Multimídia, Museu do Meio Ambiente e Parque Botânico, que agem de forma integrada entre eles, e com a natureza e comunidade. O Museu do Cárcere é a única unidade física até o momento, pois as antigas instalações do presídio estão em reformas para abrigar os outros núcleos que estão em atividades em projetos do Ecomuseu.

O Museu do Cárcere apresenta os principais registros da história do Sistema Penitenciário da região que teve como presos famosos como o escritor Graciliano Ramos – sua estadia no local rendeu o livro “Memórias do Cárcere” –, o malandro Madame Satã, o político e poeta Carlos Mariguella, além do jornalista e político Fernando Gabeira. A própria arquitetura do local revela o seu caráter histórico prisional, que é exemplificado com as exposições permanentes “Sistema Penitenciário do Rio de Janeiro, ontem e hoje”, “100 Anos de Presídio”, um panorama do presídio desde a primeira unidade até a implosão em 1994, e “Comida e Cárcere”, que expõe a antiga rotina alimentar da penitenciária. Além disso, há mostras temporárias dos outros projetos do Ecomuseu como “Arte e Ciência das Formas e Padrões da Natureza”.

Já o Centro de Multimídia reúne

documentos, fotografias e vídeos como os filmes “Memórias do Cárcere”, “Quase dois irmãos” e “400 contra um”, os quais retratam a Ilha Grande, garantindo aos moradores e visitantes acesso à informação. O Centro pretende criar uma sala de projeção digital para exposições em formato multimídia. Enquanto isso, o núcleo organiza cineclubes com filmes e debates entre os moradores da região. A unidade também é responsável pelo Espaço Multimídia Ecovila Digital, em uma das salas do Museu do Cárcere, que oferece um programa de inclusão digital.

Outro núcleo é o Museu do Meio Ambiente que realiza ações ligadas à natureza, educação ambiental e preservação da biodiversidade e da cultura local, com apoio do Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável da Uerj. Também ligado à natureza, o núcleo Parque Botânico do Ecomuseu Ilha Grande coleciona as espécies nativas e exóticas do local para mostrar ao visitante, em formato de circuito, uma coleção viva da flora, com espécies cientificamente reconhecidas, organizadas, documentadas e identificadas.

INTERAÇÃO DA COMUNIDADE LOCAL COM O PROGRAMA ECOMUSEU ILHA GRANDE

A museóloga do programa, Ana Amaral, conta que o Ecomuseu busca trazer a comunidade para o seu espaço e desenvolver atividades de acordo com as necessidades locais. “A recepção dos moradores é positiva, principalmente devido às ações que são voltadas para a população, e boa parte do acervo são de suas doações”, diz Ana. Essas atividades são:

Projeto Cultura Caiçara da Ilha Grande – pesquisa valores, práticas sociais e religiosas, hábitos alimentares, ambientes de trabalho e lazer dos caiçaras, população “ribeirinha” e pesqueira que vive no litoral. O Ecomuseu recebeu doações de objetos desta cultura dos próprios moradores da ilha que, junto com outros materiais, darão origem ao Catálogo Caiçara e preservarão a memória local.

Projeto Ecomuseu Recicla – promove ações conjuntas de inclusão social para os moradores da ilha,



Peças feitas pelos moradores da ilha no Projeto Ecomuseu Recicla em exposição no Museu do Cárcere

como oficinas de artesanato sustentável. O projeto auxilia em um sério problema local: o lixo, por meio da valorização da coleta seletiva como forma de preservação ambiental e fonte alternativa de renda. O Ecomuseu Recicla rendeu uma exposição no Museu do Cárcere.

Projeto Chá com Artes – encontros que promovem atividades de interação e fortalecimento das relações interpessoais. Neles, os moradores são convidados a levar algum item seu que tenha valor de memória e contar para os demais o motivo dessa lembrança. Em uma edição, um morador levou o seu vizinho. Também acontecem oficinas de artes temáticas que valorizam a ideia de reutilização. Durante os encontros, é produzido chá com ervas típicas da região.

Projeto Museólogas de Família – inspirado na ideia “Médicos de Família”, o projeto visita residências na ilha para apresentar o Ecomuseu Ilha Grande e mobilizar os moradores a participarem de atividades que

retratam suas memórias, cotidiano, problemas e perspectivas. O objetivo é promover a interação entre o Ecomuseu e as comunidades da região. As visitas acontecem, anualmente, na Semana Nacional de Museus do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), que comemora o Dia Internacional de Museus (18 de maio). Já foram realizadas quatro edições do projeto na Vila do Abraão (2011), Vila de Araçatiba (2012), Vila do Aventureiro (2013) e Enseada do Sítio Forte (2014) □

SERVIÇO

O Museu do Cárcere localiza-se na Rua Amapá, sem número, na Vila de Dois Rios, e está aberto para visita de terça a domingo, incluindo feriados, das 10h às 16h. Também é possível realizar uma visita agendada em grupo – se necessário, o Museu oferece o transporte para no máximo 20 pessoas, da Vila Abraão para Dois Rios – basta enviar um email para ecomuseu@uerj.br, ou ligar para os números (21) 2334-0939 ou (24) 3361-9055. A entrada é franca.

Centro Popular de Conspiração Gargarullo: a arte em prol do pensamento livre e crescimento individual

Projeto em Miguel Pereira promove experiências diferenciadas no uso da cultura como desenvolvimento pessoal

PEDRO CHILINGUE

O nome já mostra que o projeto foge do lugar-comum. O Centro Popular de Conspiração Gargarullo, localizado em Miguel Pereira, região Centro-Sul do estado do Rio de Janeiro, tenta reinventar a forma de fazer e transmitir a arte. Fundado em 2007, o CPC, como é mais conhecido, se empenha em receber artistas e pensadores do Brasil e do exterior, oferecendo espaço para iniciativas da comunidade local, tendo como principal objetivo a troca de conhecimento e debates abertos sobre arte e cultura.

Na linguagem dos indomáveis, *Gargarullo* significa “movido a sonhos”, o que bem define o Centro Popular de Conspiração. Através da realização de residências artísticas — a experiência de deslocamento de um artista para desenvolver suas atividades em um novo contexto — o projeto construiu uma rede de produção de experiências interculturais, beneficiando e população da região.

Em parceria desde sua criação com a companhia Zecora Ura, que mantém sua sede em Miguel Pereira desde 2009 e recentemente assumiu a gestão dos espaços artísticos, o Centro desenhou um aspecto internacional realizando cursos, residências, espetáculos e oficinas de programação. A Zecora Ura tem base em Londres desde 2001 e no Brasil desde 2004, atua na promoção de encontros artísticos na busca da reinvenção do teatro. Recentemente, ajudou o Gargarullo a redefinir seus objetivos a longo prazo e iniciar um piloto que, além da inovação artística, pretende construir pontes de colaboração entre artistas e empreendedores.

Em sua estrutura, o Centro Popular dispõe de áreas com fun-

ções específicas: o Cinetheatro Gargarullo, que é uma sala de cinema que possui um palco italiano com 61 poltronas numeradas; o Teatro Tadeusz Kantor, aconchegante e com uma área de encenação em formato de arena, tendo capacidade para 40 lugares dispostos em três setores distintos de poltronas; o Espaço Branco, com capacidade para 100 pessoas, com bancos, cadeiras e mesas removíveis, tendo múltiplas

funções como café-concerto, teatro de bonecos, shows musicais, projeção de vídeos, exposição de artes plásticas, pista de dança e oficinas de arte — tudo isso com iluminação natural e ao ar livre.

O CPC possui o único teatro, cinema e espaço com uma programação internacional anual na cidade. De acordo com Jorge Lopes Ramos, diretor artístico da Zecora Ura, o Gargarullo tem forte impacto para



Foto: Divulgação Secretaria de Cultura

Fachada do Teatro Tadeusz Kantor, o único de Miguel Pereira



Jorge Zísels Lopes Machado Ramos, diretor do Gargarullo

o município de Miguel Pereira: “A influência se dá em uma série de camadas, mas talvez a mais impactante seja a resposta da plateia local quando é convidada a participar de experiências artísticas inovadoras”, afirma.

Hoje, o CPC tem como principais projetos em parceria com a Zecora Ura o premiado espetáculo *Hotel Medea*, com seis horas de duração, apresentado da meia-noite ao amanhecer, em tempo real no Rio de Janeiro, Londres e Edimburgo; a residência DRIFT International para artistas, um evento de convergência artística para o debate, a pesquisa, o treinamento e a autonomia do artista criador, que já foi realizada em mais de 10 países e está em sua 15ª edição; e a Ocupação Fabrika, que acaba de ser indicada para o prêmio estadual de Cultura e consiste em um núcleo internacional de pesquisa nos setores de Artes, Negócios e Desenvolvimento Social.

Em um ambiente onde todos podem participar e interagir visando o incentivo do pensamento crítico e artístico da população, o CPC oferece diversas oficinas e cursos como teatro, dança, música, canto, línguas, yoga, capoeira e artes plásticas.

Além disso, possui biblioteca e galeria voltadas para o uso cotidiano do público infanto-juvenil, com um acervo de cerca de 600 livros.

A prova viva de que Gargarullo não faz distinção de público é a Tia Ana, que mesmo aos 80 anos de idade foi rainha da bateria do Bloco da Meia Noite, uma participação do projeto no Carnaval de Miguel Pereira. “Tia Ana é o exemplo perfeito de uma pessoa que não aceita ser definida por sua idade, cor, gênero e encontrou no Gargarullo um centro com pessoas muito parecidas que apóiam o pensamento crítico e a criatividade provocadora”, conta Jorge.

Além de Jorge Lopes Ramos, a equipe é liderada pela também diretora artística e iemenita radicada em Londres, Persis Jade Maravala, além de um grupo de sete a nove membros permanentes. Escolhido como Ponto de Cultura em 2010, o CPC Gargarullo já mira os principais objetivos futuros: “Oferecer um programa permanente de residências internacionais que dialoguem com iniciativas locais, produzir um festival anual de artes e abrir uma incubadora de negócios

no campo da Economia Criativa, com foco na criação de experiências, são nossos objetivos prioritários”, conta Jorge.

O contraste entre Londres, cidade com uma das maiores variedades culturais do mundo, e Miguel Pereira, que tem no Gargarullo a sua única fonte de cultura, permite o aprimoramento da criação artística e suas variações. Para Jorge, o importante é a inovação para os que se envolvem no projeto: “O CPC representa um ambiente utópico de colaboração e discussão horizontal onde o que mais vale a pena é abandonar moldes antigos para promover a inovação. Somos promotores do pensamento livre, dos direitos humanos e da criatividade como elemento básico do desenvolvimento individual”, afirma, orgulhoso.

O Centro Popular de Conspiração Gargarullo funciona segunda-feira de 14 às 22 horas, terça a sexta de 10 às 22 horas e sábado de 10 às 18 horas. Já aos domingos, a abertura é condicionada à realização de eventos. O CPC localiza-se na Avenida Roberto Silveira, número 619, na Praça da Bandeira, Centro de Miguel Pereira □

PRAÇA DO CONHECIMENTO: Levando um novo mundo para as comunidades do Complexo do Alemão



Fotos: Divulgação/Praça do Conhecimento

Iniciativa promove educação, cultura e capacitação profissional de crianças, jovens e idosos

NATHÁLIA CORDEIRO

Como imaginar que uma área, que já foi considerada um dos lugares mais perigosos do Rio de Janeiro, hoje abrigaria um espaço de formação e capacitação de jovens? Desde 2011, moradores do Complexo do Alemão ganharam a Praça do Conhecimento. O espaço promove, gratuitamente, cursos e atividades voltadas à Educação, Comunicação, Cultura, Artes e Tecnologia. Todas as ações desenvolvidas têm como enfoque o olhar para a realidade, o pensar e o agir crítico, a promoção e valorização do ser humano e do território urbano das comunidades do Complexo do Alemão e da Serra da Misericórdia

Inaugurada na Praça do Terço, em Nova Brasília, no Complexo do Alemão, pela Secretaria Municipal de Habitação (SMH), em 23 de dezembro de 2011, a Praça do Conhecimento atua com gestão do Centro

de Criação de Imagem Popular (CE-CIP), uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos. Públicos de todas as idades podem participar de cursos regulares de formação técnica e profissional nas novas tecnologias da informação e comunicação para jovens e adultos. O processo de ensino enfatiza as relações humanas através de uma metodologia participativa e dialógica voltada para a formação técnica, criativa, reflexiva e autônoma dos participantes dos cursos.

Um dos espaços mais procurados é a Área de Livre Acesso (ALA), destinado à integração social. Equipada com rede de internet wi-fi, computadores, tablet's e laptops, na ALA o usuário conta também com a orientação de monitores capacitados para o desenvolvimento de novos internautas. A ALA oferece acesso à internet, jogos, miateca, biblioteca e atividades artísticas e culturais para navegação, pesquisa e troca de conhecimento. Para ter acesso, o visitante deve efetuar o cadastro de entrada, apresentando um documento com foto. Os menores de 14

anos necessitam de autorização com a presença do responsável.

"A Praça do Conhecimento foi uma grande realização para os moradores. Nunca imaginamos ter um Centro de Cultura Digital como este aqui, do nosso lado, ao nosso alcance. Hoje nossas crianças podem desfrutar deste espaço não só para se divertir, mas para estudar também. Que essa diversão possa



A Praça do Conhecimento recebe pessoas de todas as idades



Talentos na fotografia: alunos se redescobrem nas oficinas oferecidas gratuitamente

durar por muito e muito tempo”, diz a aluna Priscila Alves da Silva, de 19 anos.

A comunidade pode usufruir ainda de diversos cursos, como Inglês, Tecnologia da Informação, Computação Gráfica, Web design, Design Gráfico, Fotografia, Vídeo, audiovisual e Oficina da Palavra. A Praça do Conhecimento conta com quatro laboratórios, que são equipados com modernos computadores, projetores multimídia e um estúdio para produção de áudio digital. Há ainda um amplo auditório situado no segundo andar do prédio, com capacidade para 70 pessoas.

E não são apenas os jovens que se beneficiam. Valter Barbosa

dos Santos, de 79 anos, comemora a inclusão da 3ª idade no projeto. “Moro nesta comunidade há 50 anos e a Praça do Conhecimento foi a melhor coisa que pude ver até agora. Não sabia nem ligar o computador, aqui foi o início de tudo. Nós da 3ª idade temos mais um pouco de dificuldade, ao contrário da minha neta, que, se precisar, me dá uma aula. Acredito que esteja me saindo bem e pretendo dar continuidade aprendendo mais e mais”, conta.

Um dos principais compromissos da Praça do Conhecimento é o estabelecimento de parcerias fortalecedoras com atores sociais que atuam na cidade, não só apenas no território de favela. A Pra-

ça promove o intercâmbio cultural para aproximar os seus trabalhos com os mais variados temas. Foi assim que a Escola de Gente, com seu projeto “Os Inclusos e os Sissos”, se aproximou, e aplicou sua oficina que trata a arte do teatro como forma inclusiva e cidadã. A oficina transporta o ouvinte para momentos simples vividos por este grupo de pessoas que, muitas vezes, não são compreendidas de maneira igual.

O coordenador do projeto, Nailton Agostinho, conta que a receptividade e envolvimento da população são algo que contagia. “Vivenciamos o dia a dia na comunidade, e podemos presenciar a alegria e vontade de crescimento dos jovens e adultos. A forma que eles agarram esta oportunidade de aprendizado é algo muito prazeroso e gratificante de se ver e participar”, diz ele.

NÚCLEO DE CULTURA

O Núcleo de Cultura e Arte atua na defesa, preservação e difusão da memória cultural do Complexo do Alemão e das comunidades da Serra da Misericórdia. Com a agenda aberta para a participação coletiva e comunitária, o Núcleo promove o intercâmbio cultural com outros territórios estabelecendo diálogos que fortaleçam a cultura local e ultrapassem as oportunidades existentes, criando novos referenciais na relação ensino-aprendizagem, envolvendo funcionários, educadores, alunos, moradores e visitantes do Complexo do Alemão □

SERVIÇO

A Praça do Conhecimento está localizada na Praça do Terço ao lado do CineCarioca, próximo à quadra da Nova Brasília, no Complexo do Alemão. O acesso é pela Rua Nova Brasília, na altura do número 1.919, da Avenida Itaóca, em Inhaúma, Zona Norte do Rio de Janeiro.

Segunda-feira: das 13h30 às 20h30

Terça a sexta-feira: das 8h30 às 20h30

Sábados: das 13h30 às 17h

Mais informações no site:
www.pracadoconhecimento.com.br



Entre as atividades oferecidas no espaço, estão aulas gratuitas de música e instrumentos musicais para crianças e idosos

Projeto divulga a literatura de cordel na Baixada Fluminense

"Cordel com a Corda Toda" percorre escolas e espaços culturais para disseminar a riqueza da cultura brasileira

PEDRO CHILINGUE

A literatura de Cordel, oriunda de Portugal, é um tipo de poema popular originado em relatos orais e impresso em folhetos. Posteriormente passou a ser vendido pendurado em cordas ou barbantes, o que originou o seu nome. A tradição saiu da Europa e foi herdada pelo Nordeste brasileiro, que o incorporou à nossa rica e diversificada cultura.

Inspirado nesse gênero literário, um grupo de estudantes de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense (UFF) elaborou, em 2004, o esboço do projeto "Cordel com a Corda Toda". Reformulado em 2009, a iniciativa saiu do papel com o objetivo de disseminar a expressão tipicamente nordestina e utilizar a literatura de cordel para estimular o aprendizado da língua portuguesa.

O projeto teve como primeira atividade concreta, em 2010, a realização de um workshop na Casa de Cultura Silvio Monteiro, com recursos do programa "Atitude Cidadã", da Casa da Moeda do Brasil, que financia projetos culturais e educativos em comunidades do Rio de Janeiro. Com atividades contínuas de 2011 a 2013, localizadas no bairro da Prata, em Nova Iguaçu, o projeto realizava aulas, palestras e oficinas em escolas das redes estadual e municipal, além de espaços culturais, sempre usando a literatura de cordel como base. Outros locais também foram visitados, como Madureira, Tijuca, Caxias e Niterói, além de ações realizadas em Brasília durante todo o ano de 2013.

O sucesso condecorou o Cordel com a Corda Toda como Pontinho de Cultura, ação que tem como objetivo premiar propostas socioculturais voltadas para o fortalecimento da cultura nacional entre crianças e adolescentes. Assim, o projeto realizou, em 2011, o primeiro Festival de Cultura Popular, com uma programação pautada por



Foto: Divulgação/Priscila Seixas

O projeto tem como objetivo disseminar a expressão tipicamente nordestina

rimas, métricas e musicalidade, incluindo exposições de fotografias, esquetes, oficinas de xilogravura e exibição de documentários.

Com parcerias estabelecidas com o Ministério da Cultura e a Prefeitura de Nova Iguaçu, além do patrocínio da Eletrobras e convênio com a Academia Brasileira de Cordel, o projeto oferecia oficinas para as escolas locais durante dois dias na semana. A idealizadora do projeto, Priscila Seixas, comemora as ações. "As oficinas complementavam a carga horária escolar e, muito mais que isso, eram um local de convivência entre crianças, jovens e pais da comunidade", afirma.

Priscila indicou ainda a importância do projeto na relação entre os jovens e a cultura brasileira. "O projeto age na construção de laços com nossa cultura através de sua essência regional e ajuda a notar a riqueza e a beleza do que temos em nosso país, utilizando como ferramenta pedagógica, de ensino e aprendizagem", conclui. O projeto Cordel com a Corda Toda recebeu o prêmio Rio Sócio Cultural, além de vencer os editais da Eletrobras e da Secretaria Municipal de Cultura de Nova Iguaçu.

Atualmente, o projeto vive um momento de reconstrução. Realizando apenas alguns workshops no Sesc Madureira, o Cordel com a Corda Toda busca um local onde possa realizar suas atividades de forma continuada, além de novos parceiros para expandir seu trabalho e dar sequência à propagação da cultura brasileira através dos versos rimados □

Prêmios recebidos pelo Cordel com a Corda Toda

Em 2010, foi premiado pelo "Prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel - Edição Patativa do Assaré", do Ministério da Cultura, em duas categorias.

Venceu os editais da Eletrobras e da Casa da Moeda do Brasil através do programa "Atitude Cidadã", ambos em 2010.

Em 2011, recebeu o Prêmio Rio Sociocultural, sendo eleito um dos melhores projetos do gênero no Estado do Rio de Janeiro.

VOCÊ VAI PRECISAR TER O SEU CERTIFICADO DIGITAL, ENTÃO, QUE SEJA UM OFICIAL.

O CERTIFICADO DIGITAL DA IMPRENSA OFICIAL, ENTRE OUTRAS VANTAGENS, OFERECE:

- Economia de até 15% para as microempresas, empresas de pequeno porte e os microempreendedores individuais.
- Certificado emitido na hora, testado e pronto para uso.
- Padrão ICP-Brasil. A única assinatura digital com validade jurídica.
- Segurança em transações eletrônicas.

**IMPORTANTE: A PARTIR DE AGORA
O CERTIFICADO DIGITAL É OBRIGATÓRIO
PARA REALIZAR SERVIÇOS OFERECIDOS
PELO GOVERNO.**

Faça já o seu agendamento aqui:

www.io.rj.gov.br

Ou ligue 0800-2844675, das 9h às 18h.

ADQUIRA O SEU CERTIFICADO DIGITAL EM QUALQUER UM DOS SEIS ENDEREÇOS DISPONÍVEIS:

NITERÓI: Rua Professor Heitor Carrilho, 81 - Centro, Niterói/RJ

NITERÓI: Av. Visconde do Rio Branco, 360 - 1º piso, loja 132 (Shopping Bay Market) - Centro, Niterói/RJ

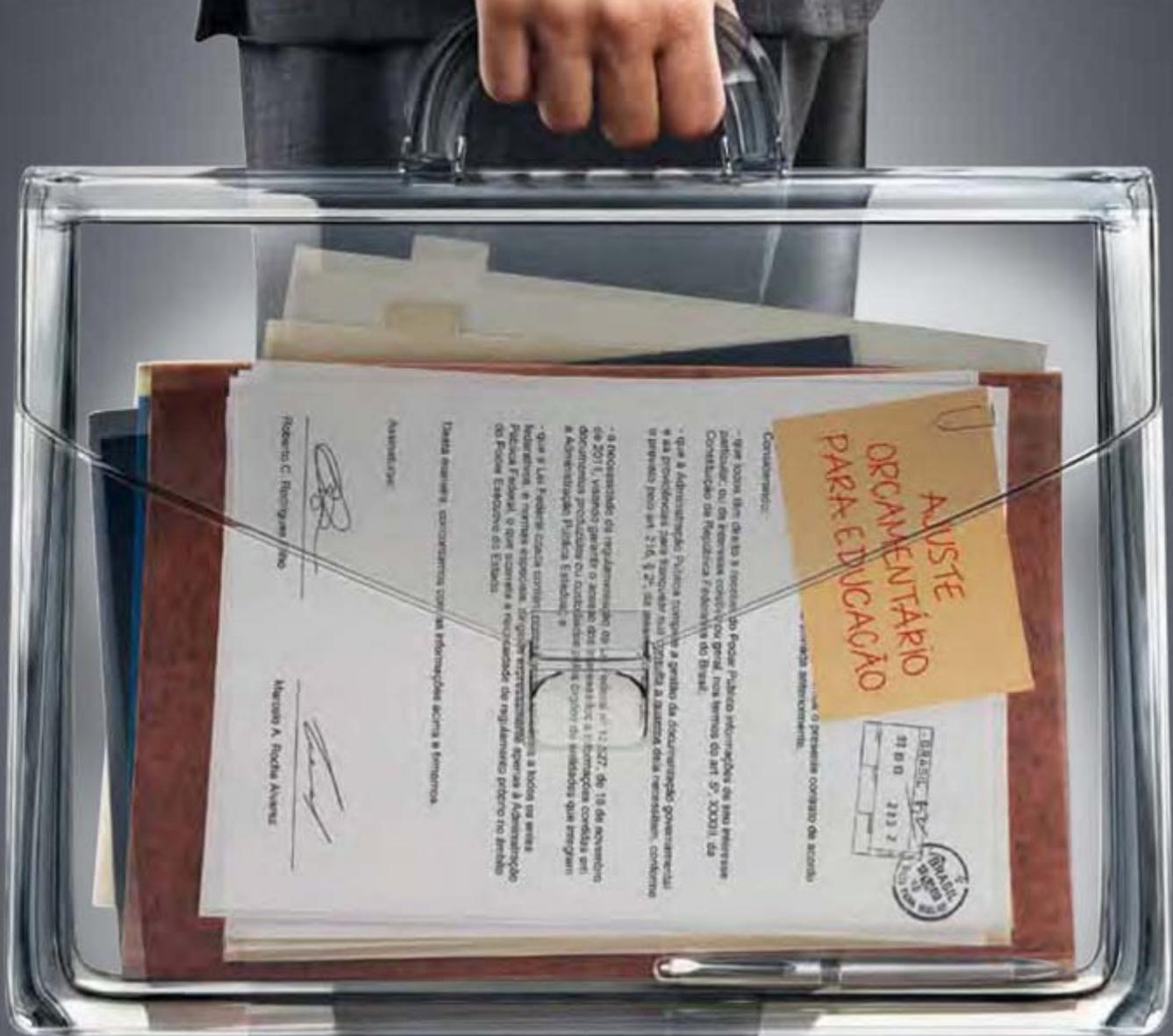
RIO DE JANEIRO: Rua São José, 35 - Salas 222/224 (Ed. Garagem Menezes Cortes) - Centro, Rio de Janeiro/RJ

SÃO GONÇALO: Av. São Gonçalo, 100, 3º Piso (São Gonçalo Shopping, Rio Poupa Tempo) - Boa Vista, São Gonçalo/RJ

SÃO JOÃO DE MERITI: Rodovia Presidente Dutra, 4.200 (Rio Poupa Tempo) - Jardim José Bonifácio, São João de Meriti/RJ

BANGU: Rua Fonseca, 240 - 2º andar (Bangu Shopping, Rio Poupa Tempo) - Bangu, Rio de Janeiro/RJ

COM O DIÁRIO OFICIAL,
SÓ NÃO VÊ
QUEM NÃO QUER.



SÓ É OFICIAL QUANDO ESTÁ AQUI.

O Diário Oficial é o instrumento de transparência das empresas privadas e dos órgãos públicos. E para você a melhor ferramenta de fiscalização das leis, atos, licitações, contratos e tudo de oficial que acontece no estado. Por isso, com o Diário Oficial, tudo fica transparente.



SECRETARIA
DA CASA CIVIL



WWW.IMPRESAOFICIAL.RJ.GOV.BR